PARA TODOS...
ANNO XII
NUM. 584
22
FEVEREIRO
1930
PREÇO 1$

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro - 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Mme. de La Fayette

EM uma galeria de retratos onde estavam reunidas todas as mulheres celebres do seculo XVII, desejaria ver pintado por Mignard, o retrato de Mme. de Sevigné, em todo o esplendor de sua belleza e invejavel saúde. Pederia a Van Dyck a delicada imagem de Henriette d'Angleterre, a Philippe de Crampaigne a austera figura de Jacqueline Pascal... Porém, não sei a que artista pederia o retrato de Mme. de La Fayette.

Bastaria um simples "crayon", um perfil realçado por alguns retoques discretos, uma imagem mais matizada que colorida, em uma harmonia docemente "grisé".

Esse retrato que não existiu e que entretanto deveria existir, havia de ter para mim o caracter essencial do modelo, pois, a pessoa e o espirito de Mme. de La Fayette era delicado e de variado matiz. Pintal-a com vivas côres, e descrevel-a em phrases sonoras, seria trahil-a. Era uma creatura delicada, gostava dos dias sombrios, falava a meia voz, mesmo nas horas de confidencias, nas quaes sempre havia um pouco de mysterio, o que fazia todo o seu encanto.

A historia de Mme. de La Fayette póde ser contada em poucas palavras.

Nasceu em Paris em 1634. Seu pae, Marc Pioche de La Vargne, era mestre de campo e governador do Havre. Sua mãe chamava-se Elisabeth Peria.

Mme. de La Fayette recebeu uma educação completa, aprendeu latim com tanta facilidade, que em menos de tres mezes podia ler os poetas.

Seus mestres foram Segrais e Ménage, dois bons pedantes, mas que não conseguiram, tornar tambem pedante a sua intelligente discipula.

Frequentou o Hotel de Rambouillet (e Feliciane). Casou-se com a idade de vinte e dois annos.

O noivo, João Francisco Motier, conde de La Fayette, era rico e de importante familia, porém, de espirito muito vulgar. Logo á primeira entrevista, sentiu-se tão acanhado, que se retirou sem dizer uma palavra.

Seus caridosos amigos puzeram em versos a triste aventura:

> Toute la compagnie
> Cria d'un même ton:
> La sotte contenance,
> Ah! quelle heureuse chance
> D'avoir un sot et benet mari
> Tel que celui-ci!
> La belle consultée
> Sur son futur époux,
> Dit dans cette assembléa
> Qu'il paraissait si doux
> Et d'un air fort honnête,
> Quoique peut être bête,
> Mais qu'après tout pour elle, un tel mari
> Etait un bon parti.

O conde de La Fayette após o casamento, retirou-se com sua esposa para Auvergne, onde ella muito se aborrecia. Ali teve dois filhos, e alguns annos depois Mme. de La Fayette voltou a Paris.

O Sr. de La Fayette continuou a viver na provincia. E' preciso ver nessa estranha separação do casal, o effeito de uma convenção voluntaria, um desses divorcios amigaveis que iam tornar-se tão frequentes na alta sociedade no seculo XVIII.

Mme. de La Fayette diz que seu marido adorava-a. Ella, porém, nunca o amou. Eram muito differentes, muidesiguaes, e... é bem difficil para um gentil-homem sem espirito, manter o personagem de marido de uma mulher superior.

O Sr. Casimir Duvedant e o barão de Itael experimentaram o mesmo infortunio.

Em Paris, Mme. de La Fayette gozava a liberdade que dá a viuvez, sem entretanto ter todos os seus direitos. Ali encontrára seus amigos de outróra: Segrais e Ménage, as "Preciosas" envelhecidas e esquecidas. Era bem acolhida na côrte do joven rei, e Mme. Henriette d'Angleterre, que apreciava seu solido merito e suas maneiras um pouco graves, desejou-a para sua dama de honra.

Mme. de La Fayette viveu annos na intimidade dessa encantadora princeza, recebeu dolorosas confidencias, e presenciou espectaculos pouco edificantes.

Encontrou ao redor de Madame a ambição, o calculo, e mesmo o vicio sobre os traços de Vardes, de Guiche, do infame cavalheiro de Lorraine, na condessa de Soissons e de Montespan. Viu nascer e morrer a fugaz felicidade da La Vallière. Ouviu, á cabeceira de Madame agonisante, a exhortação suprema de Bousuet.

E, essa pessoa discreta, e apagada, um pouco melancolica, ganhou assim, experiencia da miseria que se occulta nas grandezas, e nas paixões humanas.

Após a morte de Madame, que ella descreve nas suas meemorias, de maneira pathetica, Mme. de La Fayette só de tempos a tempos apparecia na côrte.

Luiz XIV sempre lhe demonstrou agrado, e uma tarde levou-a a passeio em companhia de outras damas, para lhe mostrar as novas bellezas dos jardins.

Tornou-se, então, o que chamam uma senhora da sociedade, frequentava em Paris mais que em Versailles, assim como sua grande amiga Mme. de Sevigné, que tambem não pertencia á côrte.

Poderoso interesse de coração retinha em Paris, Mme. de La Fayette.

Ligada por laços de verdadeira amizade ao duque de La Rochefoucauld, esta affeição cuja origem ficou ignorada, impunha-lhes uma intimidade diaria, que durou até á morte de La Rochefoucauld, em 1680.

Mme. de La Fayette sobreviveu 13 annos a seu amigo. Após essa dolorosa perda, não foi mais que uma sombra de si mesma.

Já não eram muito jovens quando se amaram, a idade, a saúde enfraquecida, o caracter grave de ambos, desviaram delles as más linguas, como uma graça de Estado.

La Rochefoucauld havia conhecido as paixões violentas, e ainda guardava uma involuntaria aversão por Mme. de Longueville, que o havia envolvido nas loucuras da Fronda, e agora velha e arrependida, fazia penitencia no "Port-Royal". A lembrança dessa deslumbrante creatura, por quem tanto soffrera, ainda mais cara, e mais preciosa tornava pelo contraste, essa amizade intelligente e sincera, que encontrara no começo de sua velhice.

Esses affectos na idade em que a mocidade declina, tem a suprema doçura, a serenidade dos bellos dias do outomno. Mas sempre fica alguma cousa das flammas e do calor do verão, porém é um clarão velado, um ardor amortecido.

As roseiras dão ainda rosas, as tardes são ainda quentes e doiradas, mas as rosas são mais pallidas, o sol declina mais cedo, os passaros já não cantam, e o silencio habita os jardins.

Assim, nesses nobres carinhos que approximam dois sêres, fatigados e tristes, ha como um reflexo de amor, que se afasta para os horizontes da juventude; entretanto, não vos enganeis: é o outomno.

O mundo só é indulgente para os jovens amores. Que sarcasmos, que risos crueis reserva elle para os amores encanecidos!...

E' que o mundo no amor só vê triumpho, alegria e volupia. Tudo o que ha de mais delicado no espirito, e de mais generoso no coração, tudo que é intelligencia, bondade, respeito, dedicação e fidelidade, elle reserva para a amizade...

O mundo não sabe, não quer saber que o amor e a amizade continuam pela transição insensivel, e que não ha um calendario para marcar o principio e o fim dessas duas estações.

Amor affeição, amizade amorosa, de qualquer nome que se designe, o sentimento que unia Mme. de La Fayette a La Rochefoucauld durou toda a vida.

Os contemporaneos, e principalmente Mme. de Sevigné, falavam delles com respeito e admiração.

Imagine-se os dois amigos nas suas cadeiras, de cada lado da lareira, na qual o fogo ardia ainda no mez de Abril.

Elle está rheumatico e estaria melancolico se ella não se achasse a seu lado.

Mme. de La Fayette sente-se fatigada mesmo para dizer "bom dia", não quer falar, nem pensar, nem res-

ponder, nem escutar. Soffre de enxaquecas, dôres nas costas e febre, o que a torna excessivamente magra.

Algumas vezes, diz Mme. de Sevigné são conversas de uma tal tristeza, que parece não haver mais nada a fazer que sepultal-as.

Mesmo nessa tristeza os melancolicos amigos gozam o prazer de estarem reunidos, estão tristes como um só coração, e isso os consola.

Pois, mais doloroso ainda é, estar triste e só.

As mais caras distracções devem á leitura e á conversa. La Rochefoucauld seguindo a moda de seu tempo diz, que a conversação das pessoas honestas é um dos prazeres que mais o commove. "Gosto, diz elle, que a conversa seja séria, e que a moral occupe a sua maior parte.

Entretanto, sei aproveital-a tambem quando é alegre. Gosto da leitura em geral, e aquella em que encontro alguma cousa que possa interessar o espirito, é a que mais me agrada. Sobretudo, sinto extrema satisfação em ler ao lado de uma pessoa de espirito, pois, dessa maneira, reflectindo a todo o momento sobre o que se leu, e as observações que se fazem, formam a mais agradavel e util das conversações".

Póde-se por ahi julgar, que nos momentos que os soffrimentos physicos davam treguas, os dois amigos occupavam alegremente os seus ocios. Liam Saint-Gran, Nicole, Plutarque, Corneille, Racine e Pascal.

Commentavam as novidades da côrte, e sentiam-se satisfeitos por estarem longe dos compromissos e negocios.

Foi certamente desses "tête-a-tête" que surgiu a obra principal de Mme. de La Fayette, e procurando certamente encontrariam na "Princesse de Clèves", os traços de uma collaboração, os signaes de uma influencia, a forma e o estylo particular de La Rochefoucauld.

Mme. de La Fayette havia publicado alguns pequenos trabalhos, discretamente como fazia tudo. Uma pequena novella a "Princesse de Montpensier, publicada em 1670, havia passado despercebida. Em 1670, "Zayde" appareceu com o nome de Segrais, o qual ficou muito amirado, e um pouco confuso do successo desse romance.

Confessou publicamente que o trabalho era de Mme. de La Fayette. Entretanto diziam, que certos episodios e certos trechos de um interesse mediocre e fórma banal, eram devidos á penna desse excellente homem.

"Zayde" não é certamente uma obra prima, romance ligeiro, — castellos de fantasias — naufragios, piratas, raptos, — recordações do Sr. dUrfé e de mademoiselle Scudery.

Porém, aqui e ali, reflexões profundas e delicadas revelam o futuro autor da "Princesse de Clèves", e fazem luz sobre os sentimentos de Mme. de La Fayette.

"As paixões que chegam com o tempo, não são paixões, disse ella. As verdadeiras paixões são aquellas que nos assaltam de surpresa, e que nos torturam malgrado nossa vontade. As outras não são mais que amizades, onde manejamos voluntariamente o nosso coração.

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia, Central 0518; Escriptorio, Central 1037; Redacção, Central 1017; Officinas, Villa 6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Marcelle Tinayre

Tambem no coração das suas heroinas, Bélasire ou Zuléme, ha uma desconfiança, um medo do amor, um receio do casamento que parece traduzir as impressões pessoaes da autora. Emfim, (e isso é muito importante para bem comprehender a "Princesse de Clèves") ha ali um bello e encantador estudo sobre o ciume.

Ximénès, que vive solitario, após ter experimentado o que a infidelidade e a inconstancia das mulheres podem offerecer de mais doloroso, — nesse ponto muito semelhante a La Rochefoucauld — Ximénès encontra Belasire, a filha do conde de Guerarre.

Belasire é uma joven que fôra apaixonadamente amada por um gentilhomem, o conde de Lara, morto na guerra (após ter perdido a esperança de desposal-a).

Belasire renunciando ao amor, torna-se a amiga, e nada mais que amiga de Ximénès. Ambos falam tão mal do amor, que esse accôrdo de idéas acaba por apaixonar um pelo outro.

Ximénès, que se considera curado da sua mania de desconfiança, supplica á Belasire de conservar no amor a franqueza que parece só deve existir na amizade.

Encorajada por elle, conta as declarações amorosas que recebera de seus apaixonados, e fala do conde de Lara. Ximénès torna-se ciumento, persegue-a com perguntas accusando-a de deformar a verdade ou de occultar a maior parte della.

Depois não lhe demonstrou mais nem paixão, nem carinho, e tornou-se incapaz de falar de outro assumpto que não fosse o conde de Lara. Ao mesmo tempo deplora tel-a obrigado a pensar nesse rival extincto. Acha que ella recorda-se muito dos actos de um homem que lhe fôra indiffferente.

Emfim, tudo envenena, e a aventura acaba por uma catastrophe.

Nota-se, neste episodio de "Zayde", a primeira fórma de um problema moral, que Mme. de La Fayette toma por tres vêzes, sem jámais o resolver de outra fórma, que por um desastre.

Uma mulher póde, sem grave imprudencia, contessar ao homem que ama os segredos de sua vida e de seu coração?

Devemos áquelle que amamos a verdade que talvez envenene a sua felidade?

Belasire céde aos pedidos de Ximénès, avido de curiosidade.

A "Condesse de Tende", em um outro romance, confessa a seu marido a falta que commetteu.

A "Princesse de Clèves" confia ao seu, a paixão que sentiu pelo duque de Nemours. E por tres vezes a verdade apparece como um elemento de dissolução, como um pesado fardo que esmaga todos aquelles que julgam poder supportal-o.

Que uma pessoa tão calma em apparencia, como Mme. de La Fayette, tão afastada das paixões violentas, cuja vida sentimental resumia-se na amizade, tenha sido essa preoccupação, tenha analysado com uma argucia tão subtil o desenvolvimento e os effeitos dos ciumes, é um pouco estranho e perturba...

A literatura sentimental e, sobretudo, a literatura feminina, é raramente objectiva, uma mulher quando escreve sobre o amor, documenta-se primeiro nas suas recordações.

Oiço Mme. de La Fayette que murmura:

"Nasci para o amor, porém, o conheci muito tarde, como uma flor que se colhe no outomno, e cujo perfume enche o coração de nostalgia, invocando a passada primavera.

Sobre as minhas dolorosas saudades, meus inconfessaveis ciumes, e contidas ternuras, colloquei o bello nome da amizade. Porém, penso com tristeza nessas rivaes mortas ou envelhecidas que possuiram a mocidade do meu amigo e o tornaram venturoso e infeliz, e procuro suavisar as maguas que ellas deixaram. Reino sózinha nesse templo deserto que é o coração de um homem de sessenta annos... E para não me desesperar, digo commigo mesma, que é melhor assim, que a minha parte é a mais segura, pois o amor, mesmo feliz, traz dissabores inevitaveis, e se tivesse adorado La Rochefoucauld ha trinta annos, não estariamos neste momento lado a lado nas nossas cadeiras de invalidos.

Digo tudo isso, e o mundo pensará que sou a mais tranquilla e a mais prudente das mulheres, e o meu amigo não saberá nunca o que havia em mim de possibilidades, de paixão e de ciumes".

Que a pura sombra de Mme. de La Fayette me perdôe esta hypothese, que é talvez um sacrificio! Confesso que ella me agrada e me commove mais, sendo assim menos perfeita.

Sinto-a mais humana e mais mulher.

Clinica Medica de "Para todos..."

CONSTIPAÇÃO E HEMIPLEGIA

Os hemiplegicos, isto é, os individuos que apresentam paralysias situadas num lado inteiro do corpo, desde o momento em que soffreram a perda da actividade motora e sensorial, patenteiam a diminuição das defesas organicas.

As paralysias, enfraquecendo-os, não permittem que elles opponham vigorosa resistencia ao embate das infecções. E a musculatura intestinal, extremamente preguiçosa, conduz os hemiplegicos, bem depressa, á constipação que é um grande inimigo das defesas organicas, pela carga de materias toxicas e infecciosas que, dia a dia, vae accumulando.

Esse estado de infecção e de auto-intoxicação primeiramente vae incidir sobre o systema nervoso, originando irritabilidade, aspereza, no convivio com parentes e amigos, tedio, insomnias pertinazes, etc.

Depois vem a soffrer o systema vascular, porquanto as toxinas, reabsorvidas em consequencia da prisão de ventre, são, em regra, productos vaso-constrictores que augmentam extraordinariamente a tensão arterial, pondo taes vasos em risco de padecer uma nova ruptura, graças á fragilidade que as suas paredes hypertensas apresentam.

Assim, para os hemiplegicos, é requisito essencial á continuação da existencia a diuturna regularidade das funcções intestinaes.

Todavia não se faz mister o emprego de medicamentos drasticos ou catharticos.

Bastam os laxantes, purgativos ligeiros, para obter frequentemente a eliminação das toxinas e dos elementos infecciosos que se encontram nos residuos provenientes da transformação que o estomago e os intestinos operam sobre os alimentos, para tornal-os assimilaveis á natureza humana.

CONSULTORIO

FLUMINENSE (Rio) — Para o asseio e antisepsia local, diariamente faça lavagens com o "Liquido de Dakin" e esfregue os dentes com o "Pyorrheicida". O verdadeiro tratamento, porém, será com o emprego da vaccina autogena, mencionada em sua carta.

ZILAH (S. Simão) — Verificada a perturbação alludida, use: bromureto de stroncio 3 grammas, licor de Hoffmann 5 grammas, extracto fluido de valeriana 5 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de melissa 150 grammas, — uma colher (das de sopa) de 4 em 4 horas.

L. S. A. (S. Luiz do Maranhão) — Diariamente a creança deve tomar banhos mornos geraes, applicando, em seguida, o talco boricado. Internamente, deve empregar: extracto fluido de bardana estabilisada 8 grammas, alcool a 90 gráos 25 grammas, tintura de aniz 2 grammas, xarope de cascas de limão 30 grammas, água destillada 125 grammas, — uma colher (das de café) tres vezes por dia.

H. G. (Piratininga) — Use, pela manhã e á noite, um comprimido de "thyroidina". Depois de cada refeição principal, use: arrhenal 50 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas, — uma colher (das de sopa). Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com a "Oceanine" (ampolas de 60 centimetros cubicos).

J. F. S. (Araguary) — Use, depois de cada refeição principal, uma capsula de "Proveinase". Nos intervallos das refeições, use: tintura de condurango 4 grammas, tintura de calamo aromatico 4 grammas, citrato de sodio 10 grammas, xarope de ameixas 30 grammas, essencia de hortelã 3 gottas, magnesia fluida 1 vidro, — meio calice de 3 em 3 horas. Externamente, pela manhã e á noite, applique a "Pomada Adreno-styptica Midy".

D. O. R. A. (São Paulo) — Terminada a serie de injecções, volte aos remedios internos, anteriormente prescriptos.

SIMARA (Bello Horizonte) — Não é caso para consulta de jornal. Leve a creança a um especialista de urologia para um exame directo.

MIRIAN (Jundiahy) — Alimentação forte e tratamento reconstituinte, eis o necessario. Use: tintura de genciana 5 grammas, licor de Pearson 15 grammas, extracto hydro-alcoolico de quina 5 grammas, phosphato monocalcio gelatinoso 10 grammas, glycerina 30 grammas, vinho de pyro-phosphato de ferro, segundo a formula de Robiquet 700 grammas, — um calice depois de cada refeição principal. Si reapparecer a insomnia, use, no momento de se recolher ao leito, o "Sacerol", — uma colher (das de chá) num pouco dagua assucarada.

GRATA (Piracicaba) — Durante as crises, fique em repouso absoluto, devendo usar: tintura de essencia de mentho 1 gramma, extracto fluido de berberis 15 grammas, extracto fluido de cupressus sempervirens 15 grammas, ergotina de Bonjean 2 grammas, acido phosphorico officinal 5 grammas, glycerina 30 grammas, — trinta gottas deste remedio, num pouco dagua assucarada, de tres em tres horas. Dominadas as crises, passe a usar, depois de cada refeição principal, "Triogene For". Tres vezes por semana, faça uma injecção intra-muscular, com o "Néo-Rhomnol".

DR. DURVAL DE BRITO

A escriptora italiana Carla de Vitti (Caricatura de Di Cavalcanti)

■

IMPRESSÕES DE UMA TARDE DE FOOT-BALL...

Fazia uma tarde digna de um pantheista, que dava vontade a gente de cahir de joelhos, e mergulhando os olhos no azul, gritar em extas's: Deus, Deus, eu creio em vós!... "Eu creio em vós!" Sobre o campo o céo rutilava de um azul profundo, sonoro, de hymno...

Tudo parecia que ia se d'esolver em vapor lumninoso a subir, sub'r...

E todas as cousas cantavam a alegria da vida!

O azul frio de infinito do ether, a cabelleira solta ao vento dos coqueiros, os p'cos ideaes dos morros, azulados á distancia, as bandeiras coloridas nos mastros em volta do "stadium" que fremiam sobre o azul, e até as paredes altas em volta, claras de sol...

Mas principalmente as bandeiras...

Cantavam... cantavam... cantavam...

A canção das côres verde e azul... amarella e verde... azul e vermelha... branca e azul...

A symphonia eternamente nova e eternamente alegre porque sempre renovada da vida!

E eu ficava em extasis, como se ouvisse um canto mysterioso que sub'a de todas as cousas para o alto, num transbordamento de felicidade agradecida... como uma espiral de incenso que se diluisse no espaço...

Escutava:

— Alegria... alegria... alegr'a!... Vento... azul... vento... azul... Mocidade!... vento... mocidade!... vermelho... ouro... sol... azul... vento!...

Ia e vinha com o vento, e cada vez que uma das bande'ras estendia sobre o azul um colorido alacre, eu sentia um bafejo de alegria da côr da bandeira passar no campo...

As côres tinham encharcado, embebido as almas num liquido luminoso e claro, e todas as cousas pareciam estar debaixo de uma influencia azul...

As pessoas, essas, agiam em vermelho e azul... E eu mergulhava os olhos naquelle mar de caras, abertas, felizes, risonhas, com tanto extasis quanto os mergulhava no ether profundo...

E acreditava num Deus... No Deus da Belleza, que é a unica felicidade, a unica verdade e a unica cousa perfeita...

AIDÊ EULER.

INSCREVEI-VOS NA CRUZADA PELA EDUCAÇÃO ENSINANDO A LER E ESCREVER A TODOS QUE COMVOSCO VIVEM E TRABALHAM

Grande e original sorteio em beneficio da "CASA DOS ARTISTAS"

(Modelar e unica instituição de protecção da Classe Theatral, fundada no Brasil)

EXTRACÇÃO NO DIA 12 DE MARÇO DE 1930

(Devidamente autorizado e fiscalizado pelo Governo Federal, de accordo com o Despacho n. 33069, de 11|8|929, publicado no "Diario Official"

Extraordinario sorteio para construcção do seu hospital modelo no Rio de Janeiro e que servirá para recolher tanto os profissionaes de theatro, como todas as pessoas pobres que lhes solicitarem soccorro.

RELAÇÃO DOS PREMIOS

1º Premio — Um bungalow a ser construido em terreno proprio, com salas de visita e de jantar; dois dormitorios; copa; cozinha e banheiro; todos os commodos mobiliados, roupas, louças e guarnições para cama, mesa e cozinha; fogão e aquecedor a gaz, caixa para lavagem de roupa, installações electricas e sanitarias e dispensa completa para um casal, calculada pelo prazo de um anno, tudo no valor de .... 100:000$000

2º Premio: — Um automovel "baratinha" "Chrysler", nova, no valor de .... 18:000$000

3º Premio: — Um automovel novo, marca a escolher, no valor de .... 10:000$000

4º Premio: — Uma "baratinha" ou auto Chevrolet, novo, no valor de .... 8:000$000

5º Premio: — Uma "baratinha" Ford, nova, ultimo typo no valor de .... 7:500$000

6º Premio: — Dormitorio e refeitorio completos, em madeira de lei, typos modernos, no valor de .... 5:000$000 / 4:500$000

7º Premio: — Um optimo piano novo, no valor de .... 3:000$000

8º Premio: — Mercadorias a escolher até o valor de

9º Premio: — Uma elegante Victrola orthophonica da afamada marca "Victor" no valor de...... 2:500$000

10º — Premio: — Um riquissimo pendentif para senhora, em platina e com brilhantes, no valor de .... 2:000$000

11º Premio: Mercadorias a escolher até o valor de .... 2:000$000

12º Premio: — Um finissimo relogio de ouro 18 linhas para homem ou um dita pulseira de platina senhora, no valor de .... 1:000$000

1000 Premios — 1000 relogios de nickel, finissimos, correspondentes aos 3 ultimos algarismos do primeiro premio, no valor de........ 36:500$000

1012 GRANDES PREMIOS NO VALOR DE.... 200:000$000

Brindes Gratis: - ou optima commissão a todas as pessoas que quizerem nos auxiliar nesta Cruzada do Bem. Essas bonificações são além dos premios distribuidos pelo Sorteio:

Todo aquelle que adquirir certa quantidade de bilhetes, de accordo com a relação abaixo, para serem distribuidos entre terceiros, receberá gratuitamente e livre de qualquer despeza:

Tres exemplares, sendo um de cada, dos maravilhosos livros: "Espirito Alheio", "Histrião" e "Musa Vermelha", as ultimas novidades em litteratura sã e moderna;

Uma optima caneta-tinteiro com penna de ouro 14 kts. ou um finissimo estojo para barba ou unha, para 20 bilhetes;

Um duzia de finissimas chicaras de porcellana para chá ou café ou uma bellissima bolsa para senhora, para 30 bilhetes;

Um excellente relogio de nickel para bolso ou um dito pulseira para senhora, para 40 bilhetes;

Um relogio de nickel da afamada marca "Omega" ou um elegante despertador com repetição ou musica, para 50 bilhetes:

Dez discos a escolher, para victrola, ou um finissimo guarda-chuva de seda para homem ou senhora, para 100 bilhetes;

Uma bellissima "Victrola-Portatil" ou um relogio "Omega" folheado a ouro para homem ou senhora, para 150 bilhetes;

Um rico apparelho de louça estrangeira para jantar ou uma das melhores machinas photographicas portatil com ½ duzia de films, para 200 bilhetes;

Uma "Victrola-Orthophonica" portatil, marca "Victor" ou um anel de ouro com brilhantes para senhora, para 300 bilhetes:

Um relogio de ouro 18 klts. garantido ou um annel de ouro com brilhante para homem, artigo fino, para 400 bilhetes;

Tres finissimos apparelhos em combinação, para jantar, chá e café, ou um relogio de ouro garantido da marca "Omega" com a respectiva corrente ou ainda uma "Victrola-Orthophonica", portatil, da marca "Victor" acompanhada de 20 discos a escolher, para 500 bilhetes;

Um relogio de ouro da inegualavel marca "Pateck-Phelipp", 18 linhas, garantido, ou uma machina de escrever, completamente nova, para 1000 bilhetes;

Uma baratinha ou automovel "Ford", novo: a ser retirado na agencia local ou remettido desta Capital, para 5000 bilhetes.

CADA BILHETE CUSTA APENAS 5$000 !

200:000$000 em ricos premios !... **1.012 grandes, uteis e valiosos premios !...**

O MAIOR E MAIS ORIGINAL SORTEIO ORGONISADO ATE' HOJE!

Todos e quaesquer pedidos ou informações, deverão ser feitas ao Escriptorio Central no Rio de Janeiro, Av. Gomes Freire, 114, terreo, séde da "Casa dos Artistas", ou na Succursal em S. Paulo á Rua Libero Badaró n. 17 — 3º andar — sala 25.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje.

ORIENTAL

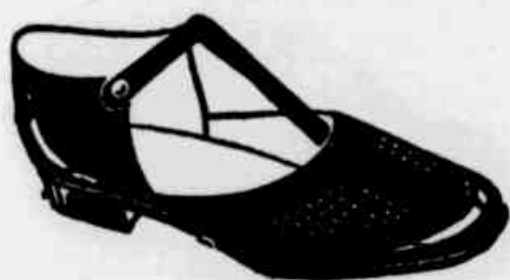
O DENTIFRICIO IDEAL

Á VENDA EM TODAS AS CASAS E NAS PERFUMARIAS LOPES

RIO — S. PAULO

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424

Superior pellica envernizada, ou preta, "typo Salomé", salto baixo:
De ns. 28 a 32....... 23$000
De ns. 33 a 40....... 26$000
Em côr mulatinha mais 2$000.

32$ Fina pellica envernizada, preta com fiveia de metal, salto Luiz XV, cubano médio.
42$ Em fina camurça preta.

Pellica envernizada preta, com naco, cinza ou beije, salto baixo:
De ns. 28 a 32....... 25$000
De ns. 33 a 40....... 28$000
Todo preto menos 2$000.

Fortes sapatos. Alpercatas typo collegial, em vaqueta avermelhada:
De ns. 18 a 26....... 8$000
De ns. 27 a 32....... 9$000
De ns. 33 a 40....... 11$000
Em preto mais 1$000

37$ Finissimos sapatos em superior couro naco Bois de Rose, com linda combinação de pospontos e furos, salto Luiz XV, cubano alto.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea:
De ns. 17 a 26....... 8$000
De ns. 27 a 32....... 10$000
De ns. 33 a 40....... 12$000

Pelo correio: sapatos, mais 2$500; alpercatas, 1$500 em par. Em naco, beije ou cinza, mais 2$000

Catalogos gratis, pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

De São Paulo

Em cima:

Depois da collação de grão dos novos graduados pela Academia de Commercio Bernardino de Campos, no Club Germania.

Em baixo:

Festa no Centro Gaucho quando foi inaugurada a nova séde. Toda a colonia riograndense do sul na terra paulistana ali se reuniu.

Senhorita Violeta de Andrade, declamadora que promette trazer ao Rio este anno a sua arte já bem conhecida e sempre applaudida na capital e no interior do Estado. A cidade de São Sebastião espera-a encantada.

Para todos...

SOBE-SE NO RIDICULO...

FOI logo ás primeiras jornadas do movimento modernista, aqui e em São Paulo.

Os de lá, atroavam os ares e enchiam os jornaes de alalás e decálogos renovadores. Os de cá, mantinham, num innocente canhoneiú de polvora secca, belligerancias de fogos de São João e tempestades de *truc* de cinema...

Um dos coripheus ou sub-coripheus do movimento fôra aqui abordado por certo ironista, impenitente e pirronico, que recebia a ponta de faca todas as innovações bem ou mal propositadas. E travou-se, mais ou menos, o dialogo:

— Vocês querem estragar o bom-senso e o bom-gosto, mas acabarão por estragar-se a si mesmos. E cahirão no ridiculo. No Brasil, tudo acaba cahindo no ridiculo...

— Engana-se, meu velho. No Brasil, não se cae no ridic[illegible] sóbe-se no ridiculo!

[illegible]in?

Não havia logar para aquelle *ein*. Aquella phrase era o tiro de misericordia.

Bôa phrase! Bôa phrase e esplendida verdade.

Não se cáe no ridiculo, sóbe-se no ridiculo. A questão é ter bom estomago para affrontal-o. Porque a subida é certa.

E a demonstração é facilima. Póde ser até illustrada em duas ou tres manchetas caracteristicas. Vá uma:

Em politica: é aquelle rapaz que todos nós ridicularizamos e cuja candidatura é uma pilheria e cuja aspiração é um disparate. Mas elle insiste e persevéra. Toléra o ridiculo, engole a affronta, engole uma, duas, tres, mas acaba engolindo tambem o affrontador, isto é, sentando-se ao seu lado, ou acima delle na curul, na poltrona ou na cathedra...

Qual de nós não conhece rapazes desses, que, ferreteados, nos bars e nos cafés, por autonomásias achincalhantes, têm hoje cabeça erguida e voto acatado nos centros deliberativos mais importantes?

— Sóbe-se no ridiculo...

Vá outra:

Na vida profissional. O rapaz compra os exames em qualquer "reintegrativo", matricula-se, fórma-se e atravanca a esquina com um cartaz de *matinée* de circo.

Os "collegas" troçam-no impiedosamente. Vem o appellido, o vulgo, a "charge" contra o charlatanete espectaculoso.

Mas o rapaz tem bom estomago. Move-se, agita-se, manobra. Arranja clientella gratuita, organiza clientela a prestação, inventa e funda um club de clientes.

E, em pouco tempo... duas limousines, um palacete, entrevistas com retrato...

— Sóbe-se no ridiculo!

Vá outra... Fiquem tranquillos. Esta agora é a ultima:

O rapaz começa a "fazer" versos e a "escrever" contos... *nai!*

A casos desses, o finado Zé-Verissimo chamava — brilhantes *negações* para as letras.

Todos nós começa[illegible]os a troçar o pobre moço que ainda usa orvalho ma[illegible] nas tenras e humildes folhinhas, emquanto [illegible]plendoreso e quente vem raiando na curva azul do horizonte fagueiro...

Mas o rapaz não se importa e continua "escrevendo". Por artes que Deus sabe, arranja o seu jornal, vae rabiscando e treinando, acaba escrevendo certo, acaba até escrevendo engraçado e troçando mesmo (um dia é da caça...) troçando a todos nós que o receberamos de risota e lhe entreviramos por ultimo destino a escripta commercial de alguma barraca de feira.

— Sóbe-se no ridiculo...

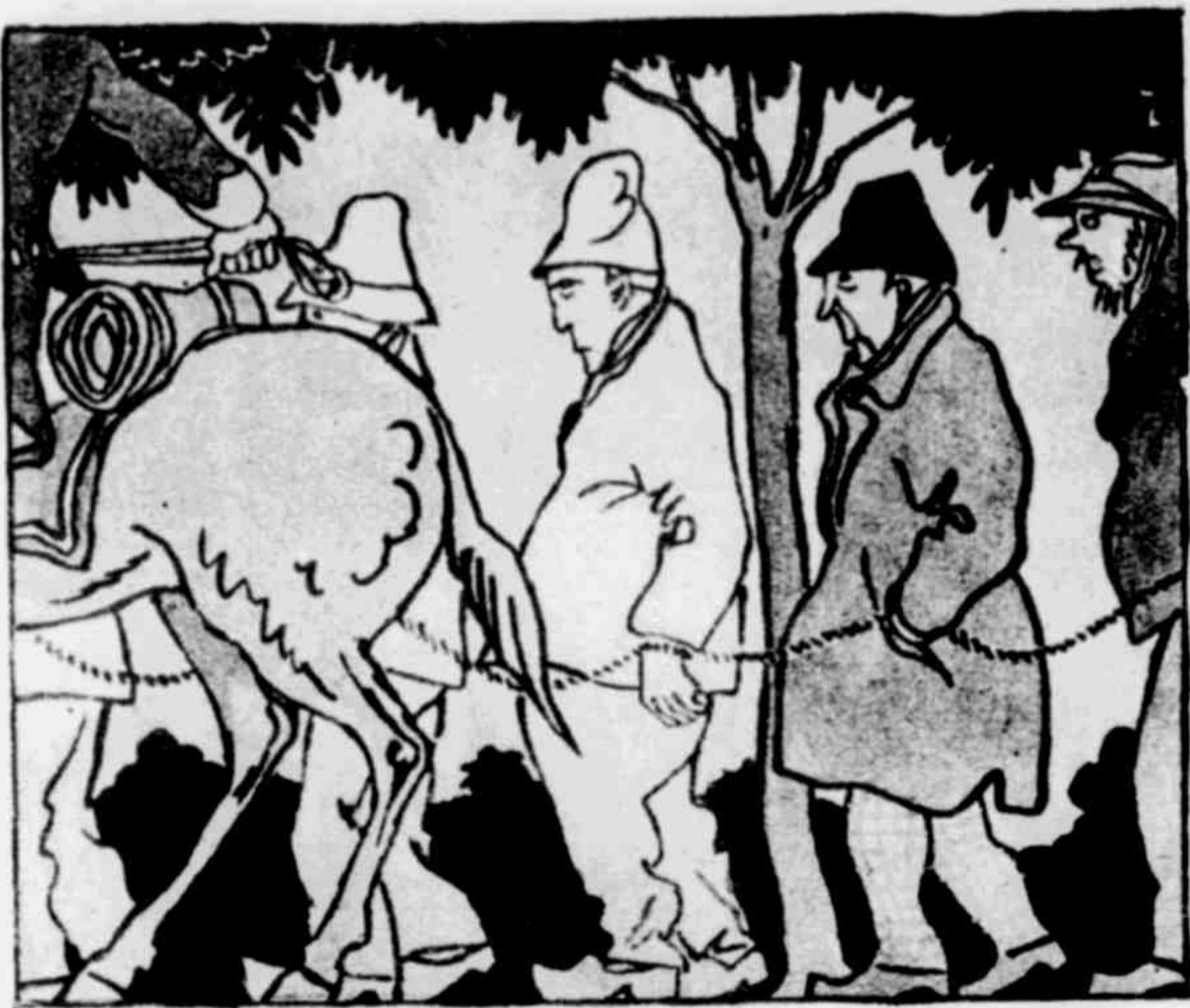
J. C.

AQUELLE BOM

Foi outr'ora um nome famoso no mundo dos calcetas; reputação aliás justificada, pois Collet foi um mestre, e creio bem que os heróes da profissão consideravam-no ainda como um classico, e se aperfeiçoaram estudando "a sua obra", inebriados, como tantos outros pela admiração de seus contemporaneos." Elle mesmo concorreu para engrandecer a sua propria lenda; exagerou os seus merecimentos, e publicou *memorias* que alcançaram um numero de edições, que *La Morale en Action*, nunca logrou obter. Gabava-se de aventuras estravagantes: disfarçado em bispo, teria, a julgar pelo que elle diz, edificado durante varios annos, a diocese de Nice, officiando pontificalmente, ordenando numerosos Levitas, e, attrahindo com seus piedosos sermões, muitas almas á Deus.

Depois, trocando a soitana roxa pelo uniforme de general de divisão, commanda batalhões, é recebido em Montpellier, em Marselha e em outros logares com as honras protocollares; janta em casa de marechaes e de prefeitos, arenga as tropas; os tambores rufam, os soldados apresentam armas, as bandeiras inclinam-se, emquanto elle rapa as caixas dos regimentos que inspecciona...

E' possivel que a sua imaginação, sempre em actividade haja sonhado com essas grandiosas fantasias; é mesmo provavel que não as tenha realizado. Dahi, embora fossem authenticas nada accrescentariam á sua fama.

E seria mesmo permittido confessar, que era preferivel esse Collet fantastico ao Collet verdadeiro; tal como nol-o revela o Sr. Paul de Ginitz que, curioso de saber a parte verdadeira inserida nesse romance, teve a consciencia de seguir o rasto desse personagem por meio de archivos judiciarios que revelavam a cada momento, os traços das suas contendas com a magistratura de seu paiz.

Como escolher nessa opulenta collecta? Como separar os traços caracteriscos de uma figura tão fugitiva e tão diversa? Está claro que um tal livro teria a sua utilidade: não seria sómente indispensavel a todos aquelles que sentem uma verdadeira vocação pela "escroquerie", como seria ainda mais instructivo para as victimas eternas de todas as explorações.

E toda a gente ganharia se Collet tivesse imitadores, pois elle não era desses brutos de hoje, que amarram as mulheres, matam os homens para roubar algumas notas, nem desses mal intencionados que fogem de automovel, dando tiros de revolver, e ameaçam as suas victimas antes de despojal-as.

Em sua casa, nem uma arma, nem um instrumento; nada nas mãos e — é o caso para se dizer — nada nos bolsos; sem outro lemma que o bom humor, a affabilidade. A franqueza e a confiança! Elle arruinava as multidões fazendo-se bem querido! Muito mais ainda, semeia, por todo o logar onde passa, o bom exemplo, as mais risonhas esperanças, as mais confortantes perspectivas, e faz muita gente feliz — ephemera felicidade, é verdade! — e as victimas dessas explorações não occultam o seu pezar, quando elle se retira a outros fados!...

Não lhe basta ser um comediante incomparavel, é ainda um psychologo emerito... elle julga e avalia o homem á primeira vista, e calcula que proveito póde delle tirar: La Bruyère, Joubert, Moliére, mesmo não o igualavam em perspicacia.

Um exemplo para bem apanhar o attractivo. (Não esqueçamos que Collet nunca estudou); descendendo de pobres camponezes, orphão desde os primeiros annos, vadiou até os quinze, e viveu sempre do embuste e da fraude: preso em Dôle, no Jurá,

PALAVRAS DE G. LENOTRE

SENHOR COLLET

foi condemnado em 1808, a sete annos de trabalhos forçados, juntamente com cento e quarenta malandros da sua laia, que foram despachados para Hannebont; nos confins da Bretanha, onde tinham de cumprir a pena.

A turba de galés era conduzida por soldados que se revezavam de brigada em brigada. Collet não possuia um nickel; porém, a sua lingua valia por uma fortuna. Desde a primeira estação, os soldados distinguiram esse joven folgazão, de uma alegria communicativa, submisso, delicado, sensivel, prompto em obedecer, e que adquiriu sobre os seus companheiros de prisão, na maioria analphabetos, uma real autoridade.

Foi assignalado pelo seu zelo aos brigadeiros da segunda estação; chegando a prestar-lhes pequenos serviços. Confiavam-lhe diariamente a missão de fazer a chamada, sendo-lhe concedida a honra de trazer a sacola, contendo a folha de viagem de cada um dos condemnados; o seu primeiro, cuidado foi supprimir a sua. Graças a sua dedicação, seus companheiros de miseria gozam de pequenas regalias; algumas vezes obtem para elles a permissão de fumar; acalma os indiciplinados, e promette a todos a reducção da pena. Não seria elle um filho de familia, condemnado por engano devido a algum escandalo amoroso, devendo ser reformado o seu julgamento, apenas chegassem a Bretanha?

Um pouco além, os soldados conseguem saber que elle é "o filho do prefeito de Ain".

O comboio chega a Auscerre quando o commandante encarregado de domiciliar toma a direcção do bando, Collet se apresenta como chefe do destacamento, arvorando sobre o seu casacão em farrapos as insignias de official de saude, tendo substituido a sua marca de galé por uma patente de sua fabricação, que lhe confere aquelle posto; faz-se conduzir por um guarda á casa do commissario de guerra que visa e sella os seus falsos papeis, e faz-lhe entrega da importancia para as "despezas da viagem", que exige o seu posto imaginario. Valendo-se de uma ordem traçada com a sua grosseira, mas bem legivel calligraphia, elle dispensa, na estação seguinte, a força militar, e sózinho vela até o fim da jornada, pelos condemnados, que se tornaram seus cumplices.

Elles caminham agora bem alimentados, descançam quando fatigados, bebem á vontade estão plenamente convencidos, como discretamente insinuou Collet — de que o camarada promovido a chefe no decurso do caminho, lhes alcançaria o perdão logo que chegassem a Hannebont. Assim, nenhum delles o trahiu; e nenhum se evadiu.

O Dr. Collet, medico militar junto á casa de detenção de Dôle — pois nem mudou de nome — envia seus prisioneiros ao coronel Beaupoil de Saint Hilaire, director das officinas dos trabalhos publicos de Hannebont, que o felicita calorosamente pelo successo de sua missão, e, para testemunhar-lhe a sua estima convida-o para jantar. Collet acceita, não sem primeiro desculpar-se pela desordem do seu uniforme; mas, que fazer após tão longa viagem ... A' mesa, mostra-se amavel conviva, alegra e seduz a todos. Entretanto, observando-o bem, o coronel concebe suspeitas, e pede a seu hospede que volte dahi a dias, pretende collocal-o em presença do cirurgião militar Dr. Aymond. Collet não falta ao encontro. Muito gentil para com o seu distincto collega, cheio de attenções, deslumbra-o por seus altos conhecimentos, e de tal maneira o aperta com perguntas sobre certos pon-

(*Termina no fim do numero*)

DESENHOS DE J. REMARD

ALVORADA!

A Alvorada acordou todos os passarinhos,
Jogou poeira de sol pelos caminhos
E veio do alto céo me despertar.
Tinha a frescura angelica das fontes,
A perspectiva de amplos horizontes
E uma voz de canção cantada pelo mar.

Nos seus olhos azues que não choraram
Havia sombras que se debruçaram,
Sombras de estrellas... Cada qual ficou
Sonhando nos seus olhos, embriagada...
E a Alvorada arrastou a tunica doirada
E desappareceu como chegou.

Mas minh'alma que poude dentro della
Beber gottas de luz, de estrella a estrella,
Favos de mel, raios de sol beber,
A minh'alma sorriu num milagre divino
A Alvorada acordou no meu Destino
Essa alegria incontentada de viver!

OLEGARIO MARIANNO

Em Petropolis

O grande caso da estação foi o Baile Tropical, sabbado passado, na vivenda do casal Renato Lopes, rua Ypiranga.

Baile Tropical

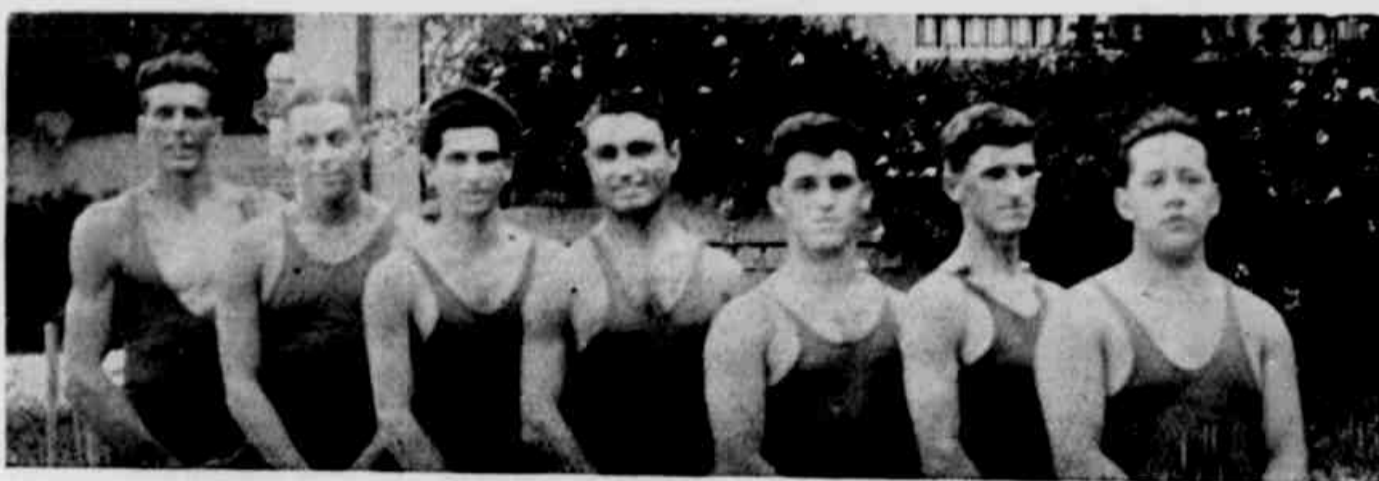
A cidade bonita ficou mais bonita sabbado, quando começaram a chegar do Rio as creaturas que iam juntar-se ás outras que já estavam lá. Nas valises as fantasias da noite se mexiam ansiosas, esperando a hora de serem vestidas. A maioria dellas tinha sahido do lapis elegantissimo de Gilberto Trompowsky.

Em Petropolis

A senhora Oswaldo Lindgren, de Garça Real, as senhoritas Burlamaqui e Portocarrero, de Hawaianas, a senhora Baroneza de Saavedra, de Bahiana, e todas, todos que enchiam de belleza e de alegria os salões do casal Renato Lopes, fizeram da noite de 15 de Fevereiro de 1930 uma das noites que a gente guarda na saudade, bem guardada, para lembrar contente, "num dia assim, de um sol assim".

Na piscina do Fluminense realizaram-se domingo á tarde os primeiros jogos do campeonato de water-polo, disputados pelos quadros do Fla-

mengo e do Internacional, Guanabara e Boqueirão, Botafogo e Vasco. Os jogos não correram com a tranquillidade que a agua costuma

dar. Houve protestos, houve sopapos. O arbitro chamado Carmo não esteve "carmo" não. Venceram o Botafogo (6 x 1) e o Flamengo

(6 x 3). Foi suspenso o encontro do Guanabara com o Boqueirão.

D E S E J O S

Si algum desses senhores altruistas, que se interessam pela sorte de outros senhores, me perguntasse o que eu queria ser, neste momento solemne, — eu nem piscaria para responder:

— Estrella...

Não estrella de cinema ou de revista "feérica e deslumbrante"... Mas estrella mesmo. Estrella de verdade. Estrella estrella. Estrella do céo.

Mas nada de ser estrella conhecida, que attende por um nome, que fica sempre no mesmo logar, como se estivesse de castigo...

Nada disso! Estrella de poucas relações. Estrella anonyma, é o que eu queria ser. E principalmente — aqui é que está o negocio — estrella cadente. Não por causa da quéda. Isso não, que cahir a gente cae, mesmo sem ser estrella... Mas porque, além de outras regalias, dá sorte... O mortal, que vir uma dessas moradoras do céo cahindo, é só pedir baixinho uma graça, que obtem, na certa. Mas — requisito essencial — não deve contar a ninguem o que viu... Isso dá á estrella uma liberdade fantastica de descrever piruetas, de fazer estrepolias, de cahir a vontade — certa de que as testemunhas de seus deslizes saberão ser discretas, e silenciosas como a machina Olivetti...

Eis porque eu tenho esse desejo tão alto, tão ingenuo e tão luminoso... Depois, só o facto de dar sorte, o quanto não vale?

Não tem que talvez: si um desses senhores, beneficentes como certos chás-dansantes, me perguntasse o que eu queria ser neste momento solemne — eu respondia firme: — estrella cadente!

Isso neste momento. Porque daqui a pouco eu sou bem capaz de mudar de opinião... De querer ser uma coisa bem differente. Uma coisa que corra azar... Por exemplo: roupa marron, sessão solemne, cravo no peito, gravata vermelha, caneta-tinteiro...

PAULO MENDES DE ALMEIDA

Tres grandes Palhaços Os Fratellini

Paulo. — Uma natural expressão de doce e jovial bonhomia lhe envolve a placidez, cheia de reflexão e de inconsciente malicia, da physionomia. Cada um dos olhares e dos sorrisos é impregnado de sympathia e de confiança. O trabalho de Paulo é todo em cambiantes, em subtis detalhes. Nenhum traço excessivo. Um simples signal aqui ou lá, uma ruga ligeira e precisa, um franzir de sobrancelhas, um picar de olhos, ou um sorriso enternecido e myriades de pensamentos mostram-se no espelho do rosto com justeza e concisão. Elle consegue que o publico, quasi sempre enthusiasta das manifestações ostensivas, comprehenda que, si o clown algumas vezes se exprime por meios sobrios, não é incapacidade, mas reserva; prova de um talento cujo equilibrio definitivamente attingiu. Paulo obtem expressões comparaveis ás cinzeladuras de uma peça de ourivesaria e certas attitudes na verdade surprehendentes. Paulo é seguidamente a victima; ou cahindo numa armadilha que lhe prepara Francisco, ou, por sua credulidade e pela confiança, que manifesta diante de todas as coisas e deposita em tódo o mundo, construindo, elle proprio, as suas desgraças. Entretanto, observando-o, descobre-se logo, na bocca flexivel, um

sorriso que scintilla de malicia. Porque Paulo é uma victima *consciente*. Encontra um grande prazer nas complicações ridiculas, que as asneiras voluntarias arranjam. Escarnecido ou batido, obtem o resultado prodigioso de sahir da "aventura" mais digno e maior do que aquelle que o escarneceu ou bateu. A tranquillidade do rosto, o olhar lento e intelligente, dão-lhe, nessas occasiões, uma autoridade inesperada.

Cada um dos Fratellini compoz uma silhueta inesquecivel. Mas, graças a noção que têm da arte, ella e apenas um enveloppe ou uma linha... Enveloppe que póde conter as fantasias mais estonteantes; linha propria para tomar as mais assombrosas formas e para combinar, conforme a riqueza de invenções, com outras linhas imprevistas.

Estão muito erradas as innumeras pessoas que imaginam que todo o merito do successo pertence á silhueta, pois é só a vida pittoresca e humana das composições successivas que valoriza essa. O que tambem é notavel, nos Fratellini, é o senso que têm de animar as "entradas" com maravilhosas idéas de costumes, ou com singularidades jocosas na escolha dos accessorios. Nisso — e na sciencia dos gestos: os de Francisco, requintados; os desordenados e tão pessoaes de Alberto; os dulçurosos e cheios de malicia de Paulo—está a reputação delles. E são indestronaveis porque não precisam de uma "entrada" magnifica para se valorizarem. Com a originalidade que possuem, qualquer "entrada" comica, embora mediocre, transforma-se, quando interpretada pelos tres irmãos.

Francisco. — E' a vivacidade estouvada, graciosa e fugidia, a seducção animada, o ardor nervoso e logo dominado. E' o sonho em chammas, a illusão maravilhosa e fragil que, alternativamente, se offerece e se esconde entre Alberto e Paulo, duas realidades humanas.

(*Termina no fim do numero*)

B A L K I S

O TERCEIRO CORDEIRO

POR A. D. KYLE

TRADUCÇÃO DE ANELÊH

DESENHO DE J. CARLOS

ESTA é uma historia que Pedro e eu ouvimos, num dia chuvoso, na aldeia de Falls, onde as ruas e as casas se succedem como num pombal, devido á estreiteza do valle em que se acha situada. De todas as historias que nos referiram este verão, emquanto passeavamos por esses encantadores logares onde a lingua italiana começa a adquirir aspereza germanica e os camponezes ainda se vestem de accorado com as modas tyrolezas, a historia referente a Dritte, o esculptor em madeira de Falls é, a meu juizo, a mais interessante. E essa opinião não é somente minha, mas tambem a de Pedro, embora elle tenha apenas dez annos e eu mais que o dobro dessa idade.

— A gente de Falls — disse Dritte, emquanto limpava as ferramentas de trabalho — sempre se dedicou á esculptura em madeira. Durante muitos annos, não fizeram mais que santos e madonnas. Nesses dias a que me refiro, meu pae era o melhor esculptor em madeira de Falls. E muitas pessoas vinham frequentemente de longe, para lhe encommendarem santos.

Mas os pedidos de santos cessaram com a agglomeração dessas imagens nas igrejas. A fome ameaçava todos os lares, mas ninguem pensava em se dedicar a outra cousa. Achavam que isto seria um sacrilegio. E apezar desse espirito religioso, os corpos emmagreciam horrivelmente, e os filhos dos esculptores em madeira gritavam, pedindo alimentos.

Dritte achava-se na mesma situação que os outros de seu officio, excepto a differença de não ter uma creança em casa que chorasse por falta de pão.

— E' como si as nossas orações não fossem respondidas — disse elle uma noite á Beata, sua mulher. — Mas, ao menos, não temos filhos pequenos para nos incommodarem, pedindo o que comer. — E meneou a cabeça com desespero, quando chegaram aos seus ouvidos os choros da casa visinha.

— Oh, Britte! — exclamou Beata, com os olhos cheios de lagrimas, — achas que seria realmente grave peccado dedicar-se por algum tempo a outra cousa? Certamente, Deus que ama seus filhinhos, ha de perdôal-os...

— Beata! Sabes o que dizes? Deus mesmo nos ensinou a manejar o cinzel para a sua gloria. Como nos atreveriamos a mudar de occupação? Além disso, talvez neste mesmo momento, elle se esteja preoccupando com a nossa sorte. Di-

zem que ha muitas igrejas no sul e é bem possivel que algum anjo lhe murmurasse alguma cousa sobre os esculptores em madeira, de Falls, e já tivesse despachado um mensageiro com ordens magnificas para nós. Estou quasi certo disso. Beata contemplou scepticamente o marido, emquanto enxugava os olhos. De mentalidade mais pratica que elle, em nenhum momento acreditou que estivesse algum mensageiro, a caminho de Falls. Limitou-se, entretanto, a dizer, para lhe infundir confiança:

— Sim, claro; vae agora tomar mais um pouco de sôpa, Dritte.

— Já tomei o sufficiente — respondeu o marido. — Acho que agora devo voltar para o atelier, e terminar o anjinho em que estou trabalhando, porque si viér alguem... E, tomando uma véla, saiu de casa.

Ao approximar-se da porta do atelier, parou, surprehendido, pois lhe pareceu ver uma luz dentro. Porém, quando entrou, viu que ali reinava a escuridão habitual. Sem duvida, fôra uma illusão dos seus olhos, disse comsigo mesmo. Encaminhou-se logo, para a sua mesa de trabalho, e começou a polir as azas de um bello anjo pequeno, quando alguma cousa se moveu a um canto do aposento.

Dritte levantou-se, tendo nas mãos uma véla accêsa, e olhando ao seu redór. Estaria algum ladrão ali? Mas poderia haver um ladrão capaz de querer roubar um santo? E, emquanto lhe passavam taes idéas pelo espirito, viu erguer-se dum canto um rapazinho que foi se sentar no chão, em frente a um grupo de esculptoras do Natal, brincando com os animaes que rodeavam o presepe. Formou com elles uma especie de desfile: primeiro, ia o boi, com os seus grandes chifres; depois, o burro, com as suas enormes orelhas; em terceiro logar, o bóde, com a sua barba em ponta, e quando Dritte se approximou, cheio de terror, estava arrumando o ganso, pois qual o verdadeiro presepe de Jesus que não carece de ganso?... e collocou-o na fileira...

Tornou a sentar-se, para gosar o effeito de sua obra, e Dritte ouviu-o rir suavemente, para si mesmo.

Quem seria essa creatura sacrilega? — pensava Dritte, horrorizado. Elle conhecia todos os meninos da aldeia, e seguramente não se assemelhava o desconhecido a nenhum delles.

Era um lindo rapazito, de feições delicadas e cabellos que brilhavam docemente como o ouro no altar, quando se illuminam os cyrios. Mas, quem poderia ser?

Nesse mesmo instante, o menino segurava o branco cordeiro em suas mãos, para o approximar da Virgem Maria. Dritte não se conteve mais. — Menino. Não sabes que esses não são animaes communs?-gritou,-lhe.-Não deves tocal-os!

O menino, deixando o cordeiro que brilhava com uma brancura de verdadeira lã, levantou os olhos tranquillos, para os cravar nos de Dritte.

— O cordeiro não se incommoda por isto. Veja como se ri — e mostrou-lhe o sorriso do cordeiro, que tanto custára a Dritte fazer. O menino estava de pé.

— Quero levar este cordeiro — disse — Estou certo que elle não se zangará. Ainda sobram todos estes. E eu não tenho outros brinquedos... quando faz frio nas montanhas.

O coração horrorizado de Dritte agora passára a sentimentos mais suaves, e começou a sentir piedade para com essa pobre creatura abandonada. Disse amavelmente:

— Põe o cordeiro aos pés da Virgem, menino, pois ella póde estranhar, si a ausencia delle durar muitos dias, e eu farei outro para ti; um que incline a cabeça, quando o tocares.

— Sim? O menino ajoelhou-se, logo, obediente, e poz o cordeiro aos pés da virgem.

— Quando ficará prompto? — perguntou.

— Amanhã — prometteu-lhe Dritte, e falando para si mesmo, continuou: — Não ha pressa quanto ás azas do anjo. De qualquer modo, não o poderei vender, e certamente, para satisfazer um amiguinho...

Lembrou-se do que Beata lhe dissera durante o jantar. — Sim, pódes vir buscal-o amanhã... mas não muito cedo, porque talvez não o tenha terminado. Onde moras, menino?

— Fóra daqui — disse elle, fazendo um gesto vago. — Minha mãe e eu moramos juntos.

Era filho de uma irmã da mulher de Nicolás, e, desde então, Dritte sem duvidar um só instante, dedicou-se com enthusiasmo a esculpir um cordeirinho para o menino, logo que ficou só. Para isso, poz de lado as azas do anjo, e escolheu um pedaço de madeira.

— Desde o momento que é um presente e não para se vender, não lhe deve importar decepcionado, quando eu lhe disse que não perturbada. — Por outro lado, elle ficou tão decepcionado, quando eu lhe disse que não podia levar o cordeiro da Virgem! E, antes de que elle mesmo notasse o que fazia, o cordeiro começou a tomar forma em suas habeis mãos.

E com tanto enthusiasmo trabalhou Dritte que, antes do meio dia seguinte, o cordeiro estava terminado. Achava que até então nunca fizera cousa melhor. E logo começou o animalzinho a baixar a cabeça quando lh'o tocavam. E Dritte, contemplando sua obra, poz-se a rir.

Notou logo depois que uma sombra se deslizava pela entrada. — Vem e leva-o — disse alegremente. — Eu o fiz para ti.

Mas viu que quem entrava era um menino maltrapilho como um cigano, com o cabello revolto e olhos negros que, extendendo suas mãos morenas para o cordeiro, parecia extasiado ao vêl-o.

— Que queres? — perguntou-lhe Dritte, procurando fazer uma voz aspera, sem o conseguir, pois deante de uma creança perdia toda a dureza.

— Umas cascas — disse o menino, vendo algumas no cesto que estava por traz do esculptor. — Não ha o que comer em toda a aldeia. E si eu voltar para casa sem levar nada, meu pae me castigará.

— Mas a culpa não é tua. E' que agora temos que comer até as migalhas!

— Mas... mas... — gaguejou o menino, roçando com um dedo a orelha do cordeiro.

Dritte afastou o cordeiro do braço do menino; mas, ao fazêl-o, ouviu um grito terrivel e nada póude fazer calar os gritos que os seus ouvidos continuavam a ouvir.

E, nesse dia, trabalhou como nunca, para fazer outro cordeiro, afim de o presentear.

Mas, ao entardecer chegou ao seu atelier uma multidão de creanças, aos quaes a fome ainda não conseguira matar a alegria que lhes transbordava da alma. E cada uma lhe pediu alguma cousa.

— Eu quero um cordeiro.

— Eu, um burro que sacuda as orelhas.

— Eu, um gallo que mexa com as azas.

— E tu que queres? disse a um menino que ficara silencioso á porta, com os olhos fitos no cordeiro. Era o pequeno Drino, cujos paes tinham sido recentemente sepultados pelo desmoronar de uma montanha.

— Tu tambem deves ter alguma cousa.

— Eu não quero nada, mesmo que pudésse ter, porque o cura vae-me levar amanhã para um orphanato, longe, e não posso esperar... Si pudésse levar este!

— Eu t'o daria com gosto, Drino — disse Dritte, — si não o tivesse promettido a outro. — Olhou por cima de todos e não viu o lourinho a quem o promettera. Sem duvida, estaria cumprindo algum mandado de sua mãe. Drino e o esculptor, se olharam nos olhos, até que este disse:

— Leva-o, rapaz. Nada posso fazer, si o outro ficar contrariado. De qualquer modo, vou fazer outro amanhã.

Nessa noite, contou á Beata o succedido, dizendo:

— Decerto que isto não é enganar a Deus. Além do que, tenho tantas estatuas que chegam para encher uma igreja, e si não fizer nada, esperando que chegue alguem para o comprar, perderei a mão.

Beata não lhe respondeu nada, mas sorriu suavemente. Disse que duvidava que ali se achasse o sobrinho

(Termina no fim do mero).

TAGORE:

"O caderno de notas do poeta"

(EDMUNDO LYS TRADUZIU)

Atravez do silencio infinito do tempo
ouvem-se os canticos do homem que passa.

Que não fiquem os andrajos deste dia
para humilhação do dia de amanhã.

Para hoje tenho a minha incumbencia de ir cantar,
é dia-de-annos da madresilva.
Que os demais esperem.

Emquanto eu vinha vindo a vossa procura
O tempo estava afinando as cordas do alaúde.
Só ouvi sua musica quando vos encontrei.

Em vossos beijos, meu amor,
os dias que-hão-de-vir confundem-se neste dia sem fim.

Minhas canções, dou-as em recompensa
pelas horas inestimaveis.

O amor me diz que a morte é qualquer mal entendido da
[vida.

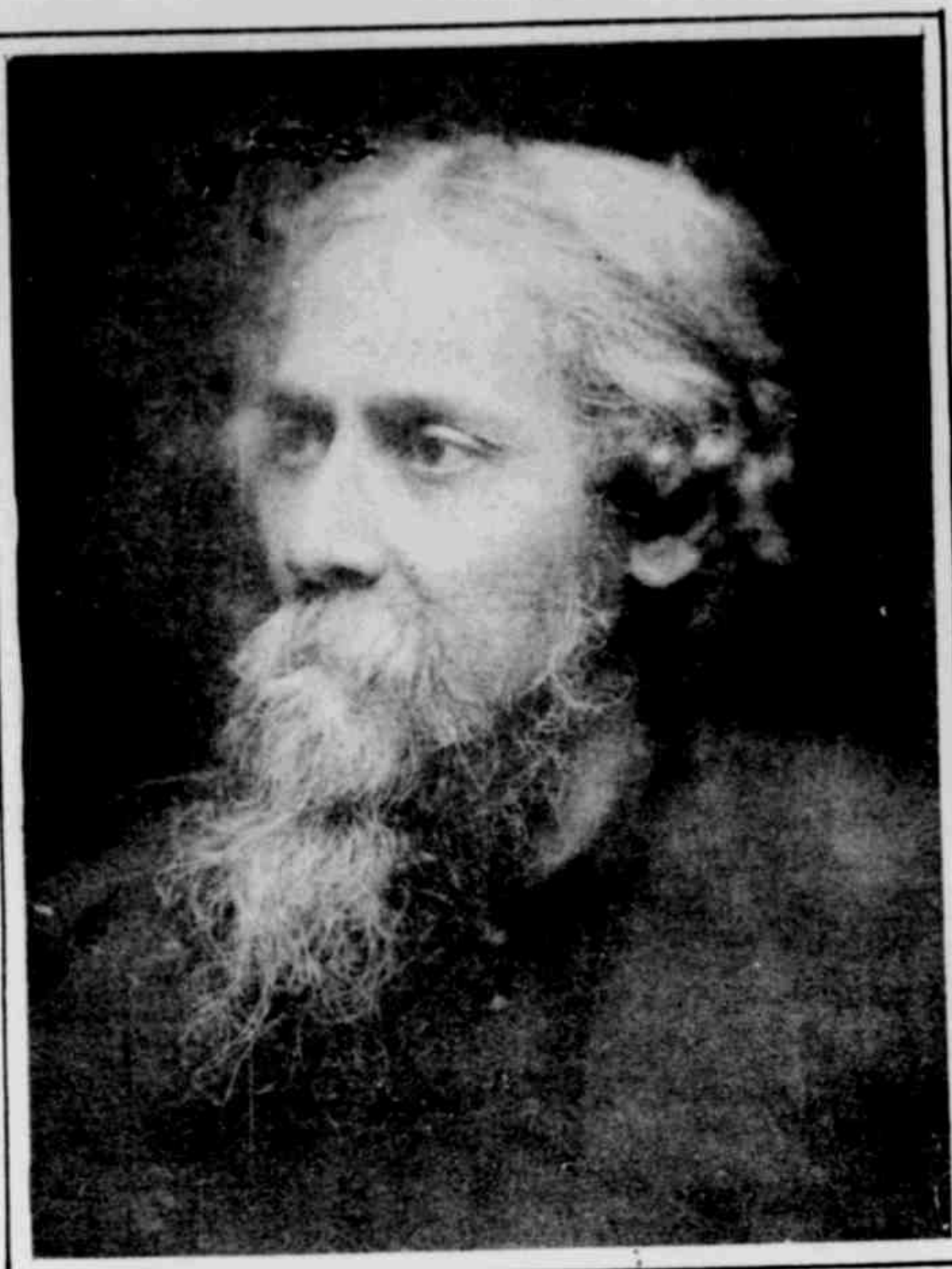
A vida é uma constellação;
na treva espessa, estrellas brilham, ás vezes.

Noite em fóra, o vasto silencio ansioso espera
pelo bater de asas de um passaro no ninho.

Meu coração espera o amor
como a pagina em branco a vida das palavras.

Eu me admiro sempre, diante de ti
de não ter sido feito como a floresta
que abre em flores o coração,
como uma estrella de linguagem de luz.

Amei-vos e agora sei
o que ha de verdade no que a gente vê.

Porque ir pela vida como a creança que vai voltando as
[paginas de um livro
e imagina que está lendo!

A boneca perfeita é materialmente barata, exteriormente
[simples, essencialmente deleitavel.
A boneca de luxo proclama seu preço, orgulha-se de sua
[attitude e esquece-se de seu destino.

Fiz brinquedos para o tempo que, como um infante
[alegremente os tomou,
quebrou-os e, descuidado, se esqueceu.

Assim o desolado espirido do que-se-foi
não volte chorando em busca de seu corpo.

Éco, o fantasma, é mais do que uma voz morta
porque é irreal.

A fadiga vem, como uma noiva, beijar a força indomavel
em uma rendição.

Deixe-me offertar, querida, a minha derrota
ganhando tu mesma, em recompensa.

O azul creador do céo escuta o azul loquaz da terra
sobre o mar.

Meu instante de adeus está junto de ti, querida,
com o seu ultimo languido lampejo e suas sombras
[silenciosas

Em Petropolis domingo depois da missa

Primeiro foi um boato. Andou de bocca em bocca. Os jornaes publicaram. Depois, pensando um pouco, a gente viu que era verdade: Deus é mesmo brasileiro. Tão brasileiro que manda o calor para o Rio e põe Petropolis a uma hora e cincoenta de viagem pelo trem e a uma hora e dez pela estrada de rodagem com direito a desastre para os amadores salientes. Cá em baixo, 38 na sombra. Lá em cima, 20 na chuva.

SITIO DA LAPA EM 1894 — O COMBATE DE 7 DE FEVEREIRO

Ferido mortalmente, o General Gomes Carneiro, de pé, dirige ainda a resistencia que elle commandou até morrer, e evitou a invasão de São Paulo. A photographia reproduz um esboço mandado fazer por David Carneiro, para figurar no Museu que vae doar ao Estado do Paraná.

Em louvor de Porto Alegre, minha capital provinciana

PORTO ALEGRE, CIDADE RIDENTE — já assim alguem te cognominou e é bem verdade: de facto és, PORTO ALEGRE, por tua situação privilegiada e pelo inoccultavel labôr de tua administração, uma Cidade Risonha.

E assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE modernizada, nós que, de habito, vamos fruir, todas as tardes, o suave frescôr, o purissimo oxygenio elaborado no verde laboratorio de tuas lindas praças, com viçosas plantas, todas ellas com seus canteiros ora symetricos, ora asymétricos, mas sempre alinhadinhos, estapizados de esmeralda viva, com frondósas arvores algumas e, outras, sem ellas, substituidas que foram por tufos de folhagens, coróllas floridas e arbustos elegantes, perfilados e eréctos, á guisa de carabineiros prussianos!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, nós que, nestas ei-lidas noites enluaradas, deambulamos a esmo, sem destino, a passo lento, pelos teus cáes, ouvindo, silenciosamente, o marulhar tristíssimo e merencóreo das vagas e aspirando a saudavel fluminea brisa que vem, sussurrante, do alto Guahyba, esse prateado cavalleiro andante que, qual servo humilde, se não cansa de oscular respeitoso, joelhos ao chão, a fímbria de tuas vestes, ó Cidade Ridente!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, nós que, quanta vez, paramos interrompendo um passeio, em certas ruas de teus bairros aristocratas, para admirar, por entre as aggressivas grades férreas, a graça ornamental dos teus jardinsinhos particulares, com suas flôres de luxo, á frente de "villinos" ou "bungalows" elegantes, oü circundando soberbos palacios!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, nós que temos ainda vistas para ver e ouvidos para ouvir, no eterno prosaismo quotidiano, o alacre vozear de tuas garrulas creanças sadias, ao sahirem dos Grupos Escolares e Collegios Elementares, espalhados ás dezenas pela cidade, qual um bando em revoada de irrequiétas e doidivanas andarinhas!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, nós que admiramos, extáticos e deslumbrados, a graça perturbadora de tuas mulheres, quér seja o encanto sem par das tuas loiras, quér seja o flexivel talhe esbelto das tuas languidas morenas. Como são formosas as tuas mulheres!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, pelas tuas robustas painêiras que, em março, se toucam de flôres côr de rosa, e pela lírida ramagem de teus salsos, a se mirar nas tuas praias ou debruçados, desoladoramente, qual um Narciso falhado, sobre o turvo espelho do Riachinho, a defluir plácido e somnolento!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, pelas tuas manhãs de ouro, pelas tuas tardes de céu azul cobalto, pelos teus crepusculos de fogo e pelas tuas noites de crepe!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, pelo encanto indeciso e dúbio que ha em ti, ao se melanizar o dia, nessa hora suavíssima em que começam a ser accêsos os primeiros combustores Novolux e as primeiras lamparinas arrabaldinas e os automoveis já cruzam nas estradas com seus pharóes, quaes enormes pupillas, illuminados!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, laboriosa na paz e valorosa e mui leal na guerra!

Assim te chamamos, ó PORTO ALEGRE, e te amamos por isso tudo; e pelo remanso pacifico de teus arrabaldes; e pelo bucolismo agréste de teus suburbios, com suas acolhedoras sombras; e pelos vergéis e pomares de teus bairros burguezes; e pelo dorso ondulante, esmaltado de verde, das collinas que te constringem; e pela tua paysagem admiravel; e pelas tuas praças, tão bem cuidadas; e pelos teus formosos edificios; e pela mólle cinzenta de teus novos arranha-céus de cimento armado e de aço; e pelo bimbalhar piedoso de teus campanarios, vibrando no ar lavado; e pela imprevista alegria contagiosa que se experimenta em tuas transitadissimas e movimentadas ruas centraes, com suas flôres de futilidade; e pelo tintinabular de teus "electricos" trepidantes, dentro da noite mórta; e por essa enseada de Santa Thereza, que recorda tanto um dos justos orgulhos do carióca — a Beira Mar; e pelos brincos e folguedos puerís de tuas sadías creanças; e pela belleza precóce de tuas lindas meninas; e pelo sorriso acariciante de tuas mulheres; e pelo proficuo labor de todos os teus pacificos proletarios, a quem tanto devemos; pela pujança dos musculos e do thorax appollineo de teus jovens *sportmen*; e pelo heroismo de todos os teus filhos!

PORTO ALEGRE, immensa Cidade Ridente onde me ennorgulheço de ter nascido! Como o poeta bizarro que cantou, em estróphes deliciosas, num nervoso modernismo admiravel, sua "Cidade Maravilhosa", tambem te poderia engrinaldar a fronte com a láurea corôa destes verss, que se te ajustam tão perfeitamente bem:

"Cidade de arvores e sinos,
de creanças e jardins... Flôr das Cidades:
berço d'oiro de todos os destinos,
fonte eterna de todas as saudades!"

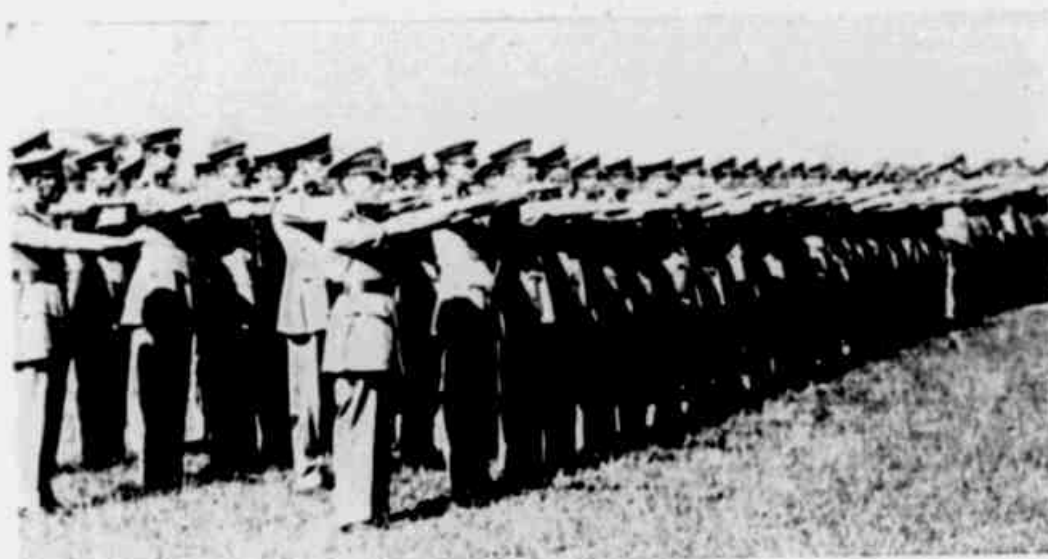
DARIO DE BITTENCOURT

O senhor Presidente da Republica chegando ao Campo de Marte.

A tribuna official com o Chefe do Governo e os Ministros Militares.

Na Escola Militar do Realengo

Officiaes do Exercito de amanhã

A leitura do boletim do General Commandante da Escola.

Juramento á Bandeira
A turma que se destina á Aviação

Teve o brilho tradicional dos annos anteriores a declaração de aspirantes dos cadetes que terminaram agora o curso da Escola Militar do Realengo, em numero de 123, entre os quaes alguns tenentes commissionados, agora postos em igualdade de situação, no proseguimento da carreira militar aos demais officiaes. Tambem a arma de aviação teve augmentado, com alguns aspirantes que a ella se dedicaram, o seu quadro futuro de officiaes.

Depois da cerimonia, o senhor Presidente da Republica visitou a Escola Militar, percorrendo todas as suas dependencias.

Em baixo:
depois da cerimonia o abraço dos parentes queridos

O THEATRO POR DENTRO

QUEM será aquelle homem calvo, gordo, acachapado, com uma enorme medalha de ouro a pender de grossa corrente, que é visto todo o dia no camarote de um theatro de revista ? Tem um ar, assim, de commendador... Ninguem sabe quem é elle. Os artistas já o conhecem, á força de vel-o sempre no mesmo posto, com o binoculo apontado para a actriz de voz impressionante... Ha mais de um anno que elle a segue por todos os theatros que ella percorre. Não lhe faz um gesto, não lhe atira uma flor, nunca lhe dirigiu uma palavra, um escripto. Chamam-no o "caréca". E' um apaixonado mysterioso. Assiste ás duas sessões, sempre na mesma attitude. Não sorri á maior graça, não tem um movimento de interesse. Entretanto, seus olhos não abandonam a scena. Só bate palmas, assim mesmo sem sorrir, quando a sua deusa está representando. Um dos comicos daquelle theatro alcunhou-o de "Buster Keauton barrigudo"...

Olga Navarro

Aracy Côrtes

Palitos

Coristas

Zaira Cavalcanti

Palitos

Figueiredo, o actor comico do Recreio, é um dos typos mais curiosos que eu encontrei nas minhas observações. Aquelle homem é uma verdadeira imagem de tristeza. Seus olhos são dois poços de melancolia" Tudo nelle é triste. Raramente diz uma palavra aos companheiros. Nunca o vi sorrir fóra de scena. Figueiredo age mecanicamente. Não tem o menor enthusiasmo pela arte. O publico que o vê á luz dos reflectores, mastigando as piadas que lhe distribuiram, não calcula como é mentirosa a feição que apparenta aquella alma. E' muito differente a sua verdadeira personalidade. E' um homem abatido, eternamente cansado. Aquella jovialidade ficticia desapparece assim que elle deixa o palco. E' uma transformação automatica. Seus habitos são invariaveis: di-

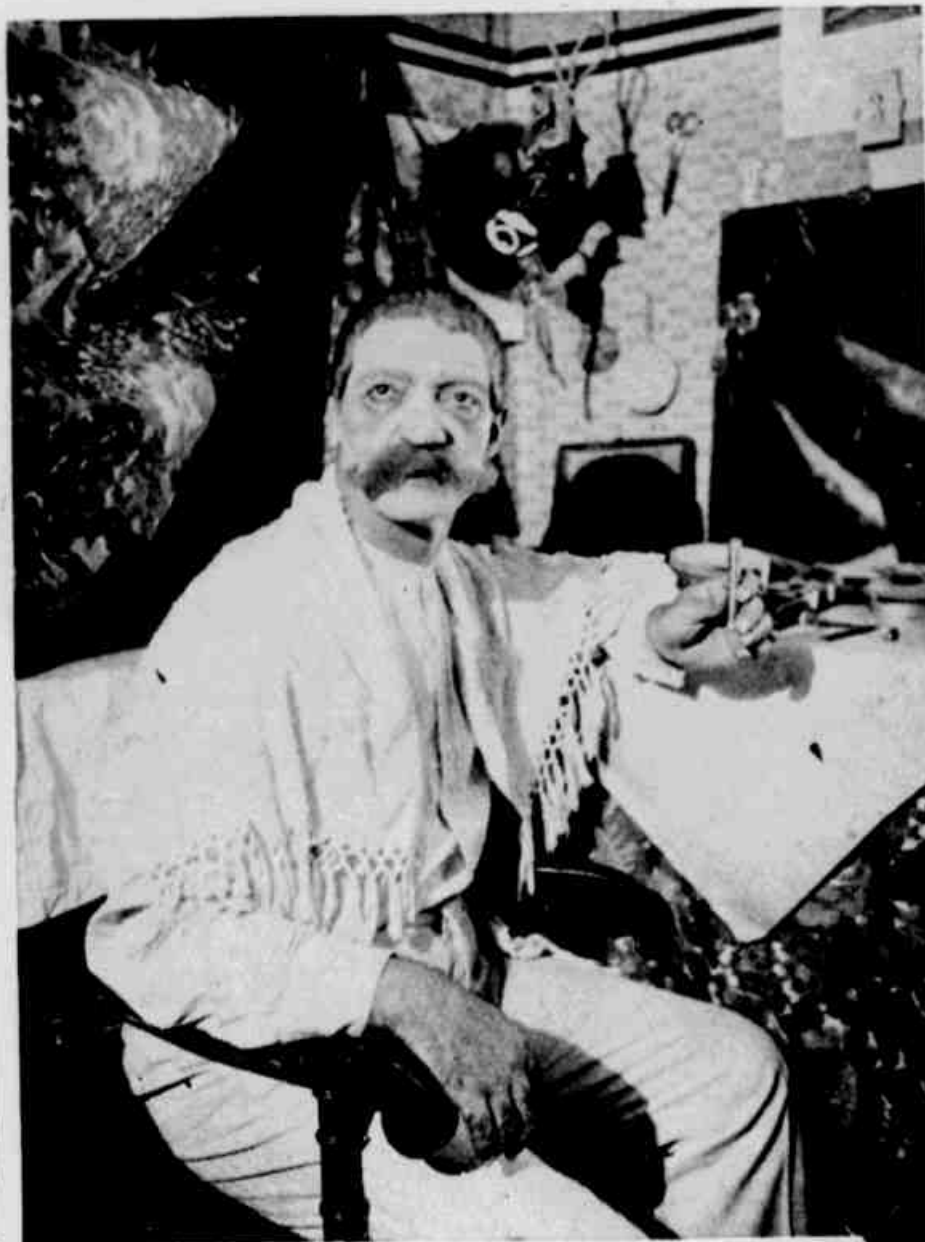
Palitos

rigi-se para um banco, lá num recanto escondido e ahi fica, com a cabeça apoiada numa das mãos, absolutamente alheio a tudo o que se passa em torno. De quando em quando, levanta-se, vae á scena, diz umas pilherias e volta, sempre com a physionomia envolta naquella mysteriosa sombra de tristeza...

— Mas que sujeito cacete! que homem insupportavel!... E' Olga Navarro que sae de scena indignada com um espectador da 1ª fila. Cercam-na, ás gargalhadas, varias companheiras.

— E' a quarta ou quinta vez que elle me diz desses liberdades. Que typo atrevido!...

Outras figuras se approximam do grupo para tomar conhecimento do facto, emquanto a actriz se afasta para o seu camarim, sem disfarçar um sorriso vaidoso...

Palitos é uma das figuras mais sympathicas do nosso theatro. Não o é sómente na pratica das suas excentricidades. Como cavalheiro, fóra de scena, é o homem que sabe agradar, sabe prender a gente com a palestra, com um "que" qualquer inexplicavel. Como artista, é o principe da caracterização. Pablo Palos. E' hespanhol. Deixou, creança, a sua patria, para representar em Buenos Aires. De lá voltou duas vezes á Hespanha. Da segunda vez casou-se na capital argentina, com Payta, filha, tambem, da terra das touradas. Vieram ao Rio e gostaram. Aqui estão ha tres annos. O camarim delles, no Recreio, é o mais concorrido. Está sempre cheio. Isabelita Ruiz e Tina de Jaque lá estão constantemente. Attracção de compatriotas? Talvez. Muitas outras pessoas estranhas á ribalta vão, diariamente, visital-os. O casal não per-

Tina, Isabelita, Payta

Olga Bastos

RONDA DOS APAIXONADOS

Mesquitinha

Elsa Gomes

Figueiredo

— Isso tem muita importancia para mim, "seu" Neves. Meu nome ficou escondido! Ninguem o lê!

— Qual, deixe de tolices. Você tem qualidades proprias. Já não precisa desses detalhes de reclame.

— Não é por vaidade, é pelo desaforo. Já no outro d'a foi a mesma coisa. O senhor me chamou de "esplendida" e empregou "extraordinaria" nessa "celebridade" que os senhores descobriram... Eu tambem sou extraordinaria. Acho que tenho direito a todos esses adjectivos!

P I N T O F I L H O

de o bom humor. Nos intervallos das scenas em que tomam parte, estão quasi sempre a ouvir ou a contar anecdotas apimentadas...

———

Nos theatros de revista, a grande azafama é entre as coristas, classe tratada com verdadeiro desprezo pelos actores e actrizes. O pessoal da engrenagem — director de scena, contra-regra, etc. — tral-as a ponta de fogo. Vão ao cumulo do rigor. No Recreio, ellas saem de scena como um bando de pardaes e sobem, aos gritos e risos, uma escada quasi vertical. Em cima, em frente ao ultimo degráo, abre-se o enorme camarim geral, cheio de cabides em torno e com uma extensa mesa ao centro, dividida em pequenos "toilettes". Não ha tempo a perder: é trocar a fantasia o mais depressa possivel. Mal chegam e a campainha vibra, exigindo-lhes presteza. Ficam furiosas. Daquellas boquinhas pintadas saem, então, coisas terriveis... Soffrem com a sua condição apagada. Une-as o sentimento commum contra os outros elementos. Mas, destacar-se entre ellas é isolar-se, é cahir na antipathia das alliadas de hontem!

———

— Francamente, "seu" Neves, eu nunca poderia imaginar que o senhor fosse um homem tão injusto. Tirar um nome do terceiro e collocal-o em sexto logar nos annuncios de hoje!...

— Ora, menina, que importancia tem isso? Meu intuito foi chamar a attenção do publico para os novos quadros da revista e para a estreante. Uma questão puramente commercial.

Auzenda de Oliveira, actriz portugueza muito querida no Rio, que acaba de crear em Lisboa com grande exito o principal papel da peça "O Ultimo Lord", de Hugo Falena.

Exposição Roberto Rodrigues

Desde sabbado passado, no saguão do Lyceu de Artes e Officios, a cidade tem ido vêr os desenhos, os quadros a oleo, as esculpturas de Roberto Rodrigues. E é uma surpresa essa mostra de trabalhos de um artista que morreu com 23 annos. Mesmo os que o admiravam pelas paginas publicadas n'"A Manhã", em "Jazz", na "Critica" e em "Para todos...", não sabiam que elle era tão grande. Forte, original, sincero, o que não daria ainda! Pobre Roberto! Pobre Brasil!

Princesa Maria Augusta

Sua Alteza veiu ao Rio para ver o Carnaval. Está desde a outra semana entre nós. No Copacabana Palace os amigos que a hospede illustre tem aqui lhe offereceram um banquete cordialissimo.

Penteado para a festa

O sorriso branco

Um pericó delirante

Corro umas linhas apressadas cá destas bandas da Africa, emquanto meu vaporzinho, — o "Kanagava" — fica chocando pelos portos. Sigo agora directamente á Singapura (travessia de 22 dias de mar que não acaba mais). Páo. Só dois passageiros. — Eu e um inglez. Gósto é de porto. Coisa nova. Mulheres de todos os pellos. Assumptos de geographia feminina. Decerto vou me enfiar uns tempos pelas ilhas da Oceania, numa dessas barcaças de compradores de coco. Programma de accôrdo com as opportunidades que appareçam. Mando a você umas photos de gente daquí, — elegancias zulús. Mandarei outras, com algumas linhas de vez em quando. Um abraço do — **Raul Bopp.**

A porta das residencias felizes

DAS BANDAS DA AFRICA

Amor e Psyché

Mãe e Filha

Greta Garbo e Antonio Moreno no film "Terra de todos".

PA' DE CAL

O DECLINIO DAS LOIRAS

"Em Hollywood as mulheres loiras estão em franca decadencia".

Por serem mais romanticas e bellas,
De linhas mais subtis e duradouras,
Entre viuvas, casadas e donzellas,
Prefiro sempre as raparigas louras.

Porque nas attitudes mais singelas
São silenciosas e perturbadoras.
E a gente sente que é por causa dellas
Que o sol loureja as searas e as lavouras

Em Hollywood, porém, na hora presente,
Andam as louras desapparecidas,
De cabellos mudados, de repente.

Será que a moda já não vale nada,
Ou, quem sabe, se a lei contra as bebidas
Prohibe a venda de agua oxygenada?

CÓRTE DE CABELLO

"Fracassou na Suissa o imposto sobre o córte de cabello das mulheres".

Queriam que as mulheres na Suissa
Pagassem pelo cór' . de cabello.
Isso é demais! Mesmo mulher de *pêllo*
Ter de pagar imposto... que injustiça!

Houve em tôrno do caso tanto appello
Por parte dessa gente irritadiça,
Que a lei que provocou tal pesadelo
Foi um defunto que não teve missa.

Quem póde com a mulher? Mal sáe dos cueiros
Começa a vida transtornando vidas...
Cada qual é um demonio mais arisco.

...Não cortavam cabello nos barbeiros,
Mas andavam cortando ás escondidas
Para lesar fosse quem fosse... o fisco...

JOÃO DA AVENIDA

A Selvagem dos Pyrineus

Contam-se em velhos papeis, historias extranhas. Vou lhes repetir uma que, embora datada de mais de um seculo, é de tal forma impressionante que merece ser exhumada das antigas folhas em que repousa.

Serviram de scenario os Pyrineus, na parte do departamento de Ariège, que formava outr'ora o condado de Foix, paiz de picos abruptos e de precipicios perigosos, que suplanta do alto dos seus tres mil metros o enorme Montcalm.

Numa época indeterminada, mas que não foi anterior a 1807, alguns caçadores que se aventuraram naquelles cháos de rochedos, dos quaes muitos são inaccessiveis, descobriram, sobre um delles, uma mulher inteiramente núa que, em pé numa pedra em promontorio, parecia examinar, sem sombra de vertigem, a immensa profundeza do abysmo, inclinada para elle como prestes a se atirar. Embora á certa distancia, percebia-se que era grande e fina; de pelle queimada e com os cabellos longos, que lhe cobriam os hombros e as costas.

Os caçadores procuraram se approximar; mas assim que ella os avistou, deu um grito de pavor e fugiu, saltando atravez das rochas e escalando, com uma agilidade surprehendente, os cimos escarpados, que lhe pareciam tão familiares como, para uma castellã, são as alamedas arenosas dos seus parques. E os caçadores tiveram que renunciar ao desejo de perseguil-a; voltaram para Suc, aldêa importante, que dista apenas uma meia-legua da povoação de Vic-Desses, capital daquelle pittoresco territorio. Como bem se póde imaginar, não guardaram segredo do que acabavam de testemunhar. Em menos de uma hora todos os habitantes da aldeia sabiam que as montanhas occultavam um animal extraordinario, metade mulher, metade macaco; os mais destemidos resolveram logo caçal-o. Antes de amanhecer, emboscados por traz dos rochedos, cercavam o circuito sinuoso onde a selvagem fôra vista, na vespera. Ao clarear do dia a mulher surgiu, nada suspeitando; fecharam o cerco, prenderam-na. Ella gritava e rolava em contorsões; foi necessario amarrarem-lhe as mãos para cobril-a com um chale que, incontinente, despedaçou e quando comprehendeu que pretendiam leval-a dali, enfureceu-se saccudida por movimentos convulsos, rugindo desatinada. Os homens que a agarravam entenderam, entre os soluços e as vociferações, ameaças *proferidas em francez*. Persuadidos então de quę aquella infeliz não era um animal, e sim uma mulher e uma compatriota, carregaram-na, com grande difficuldade, até a aldêa e conduziram-na ao presbyterio.

O cura de Suc era um padre bom e meigo: acolheu a bizarra ovelha e falou-lhe num tom piedoso e consolador. Não era de crêr que percebesse uma unica palavra daquelle emolliente discurso; mas a batina des-

pertava-lhe, sem duvida, no espirito perturbado, alguma impressão longinqua. A pobre mulher calmou-se subitamente; baixou a cabeça, absorta num debate doloroso; chorou e os seus labios se agitaram como se rezasse; acreditaram que evocava a lembrança de um esposo desapparecido e houve quem ouvisse este final de phrase:

— Que dirá meu marido?

Aproveitaram os instantes de apaziguamento para lhe dirigirem varias perguntas; não respondeu a nenhuma. Offereceram-lhe alimentos: recusou. Mostrava-se indifferente a tudo. Era espantoso como, embora a lastimavel nudez do corpo descarnado, a rugosidade da pelle, a desordem da cabelleira, aquella desgraçada, ainda conservava um grande ar de nobreza e de dignidade. O rosto emmagrecido e livido, possuia traços de passada belleza e tinha uma certa altivez nos olhares, quasi desdenhosos, com que fixava os aldeões agrupados em torno della. Ao cahir da tarde, o cura julgou de urgencia obrigal-a a repousar: arranjou-lhe um quarto, com bôa cama, collocou-lhe, ao alcance, roupas e alimentos. Depois de dispôr tudo, de maneira que ella não se magoasse, deixou-a só. Fechou o quarto dando duas voltas na chave, afim de evitar qualquer evasão. Ainda não levantára o dia quando o bom cura dispertou; na casa reinava o silencio. A mulher selvagem devia dormir. O padre abriu cautelosamente a porta... O quarto estava vasio! Encontraram, reduzidas a trapos, no caminho que conduz ás montanhas, as roupas arrumadas junto da cama da fugitiva. Forneciam uma pista: caçadores e aldeões dos arredores puzeram-se-lhe no encalço, rivalizando-se em astucias, para que de novo ella fosse presa. Em vão. Divisaram-na, varias vezes, ao longe, arrancando hervas nos cumes inabordaveis ou correndo nas margens do lago Shers, vasta extensão de agua estagnada, abundante em rãs, em salamandras e em sanguesugas. Mergulhava naquellas aguas, atirando-se com grande prazer, do alto dos rochedos e emergia, empunhando uma presa, que devorava, caminhando. Outras vezes, apparecia nalgum pico gigantesco, "na attitude da reflexão e da dôr, como uma estatua, immovel, tal qual a rocha onde se fixára".

Conto de G. Lenôtre
Desenhos de Touchet

Veio o inverno e tiveram que renunciar a captura da selvagem. Foi um inverno e rude; a neve cahiu em abundancia. Abrigados nas choupanas durante largos mezes os aldeões de Suc e de Vic-Dessos pensavam sempre na infortunada que elles tanto desejaram salvar. Já devia ter morrido: mesmo que resistisse ao rigor da temperatura, succumbiria por falta absoluta de alimentação. A terra estava coberta por tres metros de neve e os lagos gelados até ás profundezas. Além de tudo, a estação invernosa torna os ursos numerosissimos na região dos Pyrineus e certamente a haviam devorado. Uma unica coisa elles não punham em duvida: que não a encontrariam mais com vida.

Desde o inicio do bom tempo, grupos audaciosos se puzeram em marcha, esperando descobrir, ao menos, qualquer signal que lhes indicasse o fim da creatura. Apenas attingidos os primeiros grupos de montanhas, enxergaram a selvagem, como sempre, completamente núa, mais agil do que nunca, saltando de rochedo em rochedo e rolando sobre a neve com uma especie de volupia. Aquillo pareceu, a todos, incrivel e a noticia do prodigio espalhou-se pela região. M. Vergnier, juiz de paz, achou que devia agir. Seguiu para Suc, mobilizou numerosa tropa de batedores, que dirigiu com habil estrategia. A mulher selvagem foi capturada e para evitar nova fuga, levaram-na para Vic-Dessos.

M. Vergnier procurou primeiro inspirar confiança á prisioneira; obseccava-o a vontade firme de "descobrir o segredo da sua infelicidade".

Conseguiu que acceitasse alimentos crús: ervas, carne, peixe. Mas, para todas as interrogações, ella se fechava num silencio obstinado. Entretanto, como o juiz desejasse, a viva força, saber por que meio escapára dos ursos, ella informou:

— Os ursos são meus amigos, elles me aqueciam...

Pronunciou estas palavras claramente; com a voz pura, sem occento estrangeiro. Percebia-se, pelo modo modo de se exprimir, "que não pertencia á classe popular". Por umas phrases, arrancadas depois de grande insistencia, chegaram á conclusão de que, em 1793, fugindo da Revolução franceza, emigrára, com o marido, para a Hespanha. O casal, muitos annos exilado, decidira voltar á patria. Ou por qualquer motivo politico que os impedia de se exporem á vigilancia das fronteiras, ou por que preferissem regressar incognitos, embrenharam-se, sem guia, pelos atalhos dos Pyrineus, onde os contrabandistas os assaltaram.

(*Termina no fim do numero*)

Berta Singerman

DIZENDO "LA SERRANILLA", DO MARQUEZ DE SANTILLANA

Que pensa dos vestidos compridos?

ANTES da partida de Didi Caillet, que aqui estivera em viagem de recreio, e já se havia assentado a presente "enquête", procurei colher-lhe tambem a opinião. O Paraná nos enviou o anno passado a linda "miss", e o Rio a conhece como "chic", bonita e excellente declamadora. Dahi, o chapéo Didi Caillet, a cabelleira Didi Caillet que marcaram época na época das primeiras "misses"...

Didi é tambem gentilissima. A' primeira palavra que lhe disse eu pelo telephone, respondeu que sim, que daria gostosamente o seu parecer para o "Para todos...", a revista de "élite". Assim, fui procural-a no Palace Hotel. Alguns minutos de espera no salão, onde dois ou tres grupos palestravam, e, sorriso nos labios, alegre, vestida de crêpe radio branco, córte genero esporte, gravata e cinto vermelho, a formosa paranaense estende-me as mãos.

— Muito contente com a sua visita.

— Tambem eu por vel-a tão bem.

— As duas, então...

Sorrimos ambas. Era o termo das primeiras amabilidades.

Algumas palavras sobre o Paraná, o novo "pleito de belleza", e Didi:

— Volto na proxima quinta-feira.

— Por que tão depressa? Foge do calor?

— Fogem os meus. O Rio é tão bonito, que mesmo quente, não nos dá vontade de ir embora.

Pelas janellas uma aragem fresca. A physionomia da minha entrevistada era a de quem não se apercebe que a canicula é quasi insupportavel.

— Não tenho muito tempo, por isso sou obrigada a apressar a visita. Poderá dar-me a sua impressão sobre as saias compridas, e a cintura no logar exacto?

DIDI CAILLET

Didi, sorridente, animada, falou:

— Tão bonitas!

— Mais que as curtas?

— Muito mais. Afinam a silhueta, o corpo toma elegancia natural...

— Quando é elegante...

— Sim, decerto. Mas o rigimen para emmagrecer sempre deu optimos resultados. Ha muita silhueta linda com as saias alongadas e a cintura justa. A propria melindrosa lucrou com a nova moda. De boneca que era passou a mais boneca ainda, e mais...

— Catita? Uso da expressão portugueza, porque cuido ser mais cabivel.

— A melindrosa de hoje faz-me lembrar a figura da "marveilleuse" — disse Didi continuando assim o pensamento que eu lhe observára nos olhos e a minha phrase não interrompera.

— E', portanto, adepta das saias compridas?

— De facto, e de muito boa vontade.

— Esqueceu-se de que as mulheeres gordas e as senhoras não devem estar satisfeitas com isso, e têm razão.

— Oh! estas não se pódem orientar pelo rigor. Adaptam os costumes...

— Ou se adaptam aos costumes?

Didi riu muito, e:

— Deixe de ser má. As senhoras e as gordas escolhem o meio termo.

— O meio termo de gordura é a "fausse maigre"...

Didi interrompeu, num muchôcho gracil:

— Neste andar não chegaremos a uma conclusão.

— Já chegamos. E eu vou, porque a hora não perdôa... O relogio foi inventado para...

— Para...

— ...alegrar antes e entristecer depois.

— E' mesmo — respondeu a linda moça, pensativa: — Quer um refresco?

— Não. Faz-se tarde. Quero dizer-lhe adeus.

— Não antes que lhe dê os meus ultimos retratos.

Agradeci-lhos. Por mim e pelo "Para todos...". Atravessámos juntas o salão, o "hall", e quasi ao chegarmos no tôpo da escada:

— Não venha até cá. Mormaço, muito sol, calor...

E Didi, numa expressão de vivo encantamento:

— Muito calor? Mas o Rio é o melhor recanto da terra!

ALBA DE MELLO

Dois grupos apanhados durante o baile que se realizou na residencia do senhor Major Octaviano Gonçalves.

Em baixo: enlace Celeste Calazans — Antonio Vernes, instantaneo da cerimonia religiosa.

Tres postaes para a provincia

I — PRAIA DE COPACABANA

Festa de luz. Sol quente encima da turma que não se incommoda e vae se queimando com gosto.

Barracas.

Enormes chapéos de sol, vastissimos, manchando de sombras a alvura da areia.

Mulheres lindas. "Maillots" audaciosos.

Longe um aquaplano rasga uma lista branca no dorso do mar.

Civilização.

Nudismo.

A gente sente-se bem em Copacabana...

II — PÃO DE ASSUCAR

Desde longe a gente vem admirando, vem comparando.

Lá atraz o Corcovado, pesadão corcunda, com uma gravidade de irmão mais velho formado em Direito...

Ali na frente o Pão de Assucar. Risonho. Lépido. Com uma elegancia esportiva de jogador de tennis...

A gente pra chegar lá, custa que custa...

E lá encima fica doido:

— "Very beautiful".

— "Extraordinaire, tres joli, mon p'tit..."

— "Mira, hombre, que maravilla"...

E só depois que todo esse pessoal vae embora é que a gente póde ficar, sózinho, sem binoculo e, sem voz, com um orgulho doido de ser brasileiro...

III — ENSEADA DE BOTAFOGO

A fila enorme dos jardins vae se estendendo de ponta á ponta.

Verde, verde, verde.

Autos pra lá e pra cá.

Gente que passa correndo.

Collegiaes sorrindo...

Eu acho que a enseada de Botafogo foi uma das razões porque Alvaro Moreyra chamou o Rio de "cidade mulher"...

Nunca vi curva tão bonita...

D A N T E
C O S T A

Gavea Club

...

Senhorita Enaura Mello, violinista, premiada com medalha de ouro por votação unanime, no Instituto Nacional de Musica. Vamos ouvil-a este anno, durante a estação.

Instantaneos

do baile

á fantasia

De São Paulo

Em cima: a turma de moças dentistas que collou grão ha pouco, depois do curso feito na Escola de Pharmacia e Odontologia.

Em baixo: a turma de pharmaceuticos formada pela mesma Escola, no dia em que recebeu os diplomas, com o director e o paranympho.

Um symbolo

O lindo, majestoso, soberbo pavão de nossa quinta, na Ibiapaba, costumava fazer excursões em plena matta. Não eram excursões simplesmente bucolicas, nem era elle um pavão sonhador e poeta, cuja alma se enleiasse na esplendida contemplação daquella natureza luxuriante.

Eram excursões puramente gastronomicas, durante as quaes o pavão real buscava, como manjares os mais sympathicos ao seu exquisito paladar, as cobras venenosas que pululavam no recesso da floresta.

De uma vez, tornando de uma dessas excursões, o pavão real mostrou o brilho estonteante da sua polychromica plumagem aos olhos attonitos de uma ingenua corça.

A belleza extraordinaria, a riqueza maravilhosa de cambiantes das plumas que enfeitavam a cauda do pavão real fascinou-a.

O pavão, sem dar por isso, orgulhoso, soberbo, imponente, marchou rumo á casa. E a corça o acompanhou, deslumbrada...

Nem a approximação da velha morada despertou do seu extase a incauta corça, para advertil-a dos perigos que a cercavam.

O resultado de sua ingenuidade foi funesto. A mão robusta do nosso cozinheiro cortou-lhe, á porta, o esguio pescoço...

E hoje, quando eu me recordo daquelle episodio, penso que aquillo é um perfeito symbolo da vida.

Ai daquelles que amam; da belleza neste dias de sordido materialismo...

R. MAGALHÃES JUNIOR.

DO RIO GRANDE DO SUL

Senhoritas Prenda Lages, Lolonda Moreira, Alda Geraldo e senhor Ernani Lages no quebra-mar da entrada da barra, de garrucha e chimarrão... duas coisas optimas...

O extranho caso do meu amigo Paulo

Cesar Valle

NINGUEM sabia a que attribuir a tristeza de Paulo. Naquelle escriptorio onde trabalhavamos em franca camaradagem e onde Paulo punha sempre a nota da sua alegria, tinhamos vivido sempre bem.

Que motivo teria Paulo para que a sua bôa disposição se anniquillasse de repente.

Ninguem o sabia. O facto é que Paulo continuava a frequentar o escriptorio, regularmente, porém se mantinha afastado das nossas pandegas e divertimentos.

As conjecturas que todos faziamos sobre a possivel causa dessa tristeza iam sendo destruidas dia a dia, e a nossa fertil imaginação ia creando outras novas.

Uma trade á hora da saida, Paulo tomou-me do braço e levando-me a um canto da sala perguntou-me: — Sabes onde mora um desses homem que são astrologos e adivinhos? Tenho curiosidade de saber até onde chega a credulidade humana. Compreendi que elle mentia ao querer desmanchar o effeito que aquillo produzira em mim.

Devia ter luctado muito antes de se atrever a fazer essa pergunta. Casualmente, eu sabia o domicilio de uma cartomante e chiromante, da qual me tinham falado dias antes.

Offereci-me para o acompanhar, e juntos emprehendemos caminho.

A' medida que caminhavamos, notei em Paulo o desejo de desabafar com alguem, de contar alguma cousa extranha que lhe succedia.

Falei-lhe da sua tristeza, do afastamento que nós todos tinhamos notado nelle.

Pareceu vacillar, luctando para calar o que seu coração queria dizer.

As palavras da chiromante foram precisas: — Seu amigo possúe um objecto do qual tem que se desprender immediatamente, si quizer recuperar a tranquillidade passada.

Paulo fitou-me, com expressão angustiada nos olhos.

A pythonisa accrescentou:

— Todo aquelle que usar esse objecto, não só attrahirá a desgraça, como tambem morrerá tragicamente.

De facto, eu me recordava de o ter visto. Sahimos dali sob a impressão daquellas palavras que resoavam nos nossos ouvidos, tragicamente.

Uma vez na rua, arrastei Paulo para um café vizinho, procurando tranquillizal-o.

Tentou ainda um ultimo esforço para silenciar sobre o que lhe acontecia.

— Tu sabes — disse-me, — que eu tinha uma noiva com a qual ia-me casar dentro em pouco. Julgava-a a moça melhor e mais laboriosa desse mundo. Ella trabalhava como dactylographa em uma casa commercial. De repente fui surprehendido com a noticia de que ella fôra presa. Na casa em que trabalhava, desapparecera uma importante somma, cuja falta não sabiam a que attribuir. Desconfiando, tinham prendido varios empregados, e entre elles, ella. Havia um indicio que fazia recahir todas as suspeitas nella. Dias antes, fôra surprehendida, em casa, por uma amiga, contando uma importante quantidade de cedulas. Ella declarou que eram as suas economias, accumuladas desde ha muito tempo. Mas não o poude provar de modo algum e certamente será condemnada. Eu continuo amando-a, porque sei que é innocente.

E ao dizer isto, Paulo arrancou os cabellos com desespero.

Reparei, então, que um dos seus dedos estava ornado com um estranho annel.

Era de ouro, e tinha como incrustação uma caveirazinha finamente trabalhada em marfim. Examinei-a com curiosidade.

Paulo notou meu interesse e, tirando-o do dedo, alcançou-m'o para que eu o visse.

— E' presente do meu grande amigo Carlos Santreiro, que tu deves conhecer — disse-me.

De facto, eu me recordava de o ter visto muitas vezes com esse rapaz, a quem eu apenas cumprimentava.

O annel continuava a inquietar-me, por sua fórma estranha.

De repente, uma idéa cruzou veloz por meu espirito.

Tornava a surgir deante de mim a figura da pythoniza, e novamente ouvia suas palavras frias e metallicas.

Segurei Paulo pelo braço.

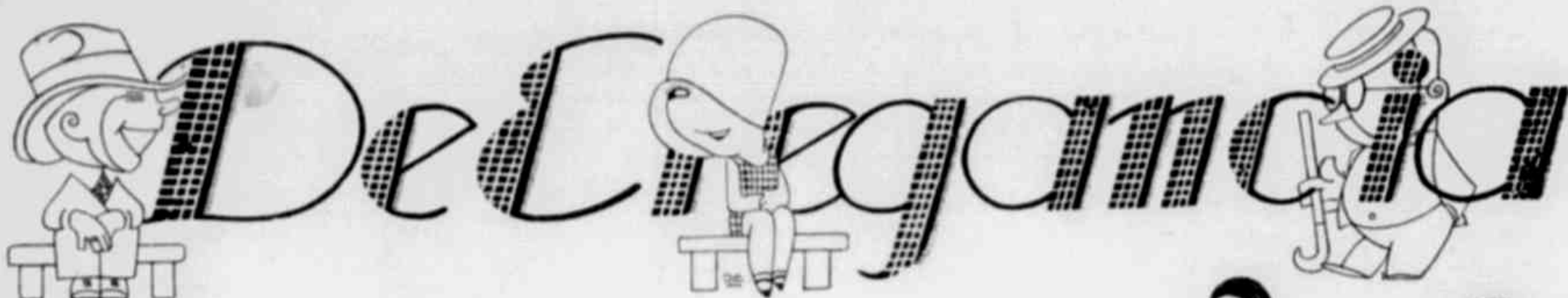
— Por que havemos de pôr tanto scepticismo em todos os nossos actos? Tu acabaste de ouvir as palavras daquella mulher, prevenindo-te que tens comtigo a l g u m a cousa que attráe a desgraça. Entretanto, tu te entregas ao desespero e não tentas vêr o que existe de verdade nessas phrases. Esse annel é tão inquietante que eu nunca o usaria. Talvez considéres isso um medo pueril, mas, muitas vezes, para nos fazermos fortes deante dos outros, nós nos sacrificamos, fingindo uma coragem que nos falta.

Paulo olhou-me fixamente e no seu olhar não sei se havia ironia ou seriedade.

No escriptorio, voltou a ser assumpto de todas as conversas a n o v a mudança de Paulo.

Desapparecera o seu aspecto triste e sombrio e o bom humor o acompanhava outra vez.

Uma tarde, reparei que não trazia mais o annel.

Fiquei realmente intrigado e desejando saber se seguira o meu conselho. Não pude me conter e perguntei-lhe o porque da sua transformação.

— Tu sabes — disse-me — o que te contei naquella tarde em que fomos vêr a pythoniza. Resolvi seguir as tuas palavras e entreguei o annel a Carlos Sentreiro. Nas circumstancias em que eu me encontrava, qualquer advertencia, por mais disparatada que fosse, eu a acceitaria como uma razão para afugentar a "jettatura". Digo-te isto para que não te vanglories de teres sido quem me influenciou o espirito.

Meu estado fazia-me acceitar conselhos, sem indagar de onde vinham. Como recordarás, minha noiva estava presa e eu cada vez mais convencido de sua innocencia. Pois... quando todas as esperanças de salvação estavam perdidas e ella ia ser condemnada, o verdadeiro ladrão confessou o delicto.

Leitor: talvez esta historia te pareça pueril. Eu te assevero que os personagens deste conto são de carne e osso e não crea-

(Termina no fim do numero).

De Elegancia

A MONTOAM-SE os figurinos. Folheio-os todos á cata do que me servirá. Aqui encontro uma cigana: saia muito larga e franzida, blusa com mangas pelos cotovellos, collares ás duzias, meias e sandalias. A' cabeça um lenço apertado em forma de coifa, um lenço de seda vermelha emmoldurando sedosos cabellos pretos, grandes olhos pretos, e a pelle morena... As ciganas devem ser morenas como as mulheres da moda, apesar de, na Europa, já se insurgirem contra o banho de sol que, dizem os scientistas, estraga a cutis e damnifica a saúde, do modo por que vem sendo praticado. Os vestidos compridos estão influindo tambem para que os "maillots" desappareçam. Nas bandas civilizadas ha grupos que vão á praia para os banhos de mar com o corpo inteiramente coberto.

Desta ou daquella maneira, attendem ás insinuações de Mussolini, que tambem procura dictar modelos de vestuario feminino, senão impôr-lhes a sua vontade, mediante artigos de lei... Volta, entretanto, a escolher a minha fantasia. "Pierrette", dansarina, adivinha, boneca, "merveilleuse", mélindrosa, Salomé... Agora á côrte antiga. Todas as rainhas que se tornaram celebres... Vêm, logo após, as que predominaram pela graça, as que captivaram pelo espirito, as que assombraram pela belleza physica... Ricos brocados, gazes levissimas, lantejoulas vidrilhos, tecidos de prata imitando o luar, o ouro do sol num corpete de "lamé", velludos, fitas, rendas, todas as guarnições que avivam os encantos e relembram silhuetas historicas.

Fantasias simples, fantasias ricas. Figuras aristocraticas, historicas, figurinhas modernas, buliçosas, brejeiras. As folhas são manuseadas da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, e os olhos percorrem curiosos, esmiuçadores, o modelo idealizado. Surgem outras figuras, e desapparecem desde que se vire a pagina.

Multiplicam-se e, depressa, se esváem. Depois, á ansiedade que

acompanhou a escolha succede o desanimo.

Nada que me sirva. A mascara que eu quizera, e vestido que me disfarçaria: não foi pintado por ninguem.

Nem ha costureira que o saiba executar.

Tão perfeito, tão total o meu disfarce, que ninguem me pudesse adivinhar.

Que outra surgisse agora, outra que não a de dois annos, que não a de um anno passado. Outra para o publico, outra para mim mesma. outra...

Na folha em branco da ultima brochura cáe uma lagrima de que eu nem cuidára.

Viéra sem que me apercebesse. Até parece que por força de habito...

Operara-se, então, o milagre: ri, ri forte, ri muito, a principio, num riso convulso, quasi dolorido, depois francamente alegre.

E que a pequenina gotta me abrira o entendimento, e eu senti a desnecessi-

dade da desfiguração. Tão outra era agora, que ninguem me reconheceria mais...

Tecidos predilectos: os coloridos por "Indanthren", a anilina que garante inalterabilidade de côr.

Figurinos: Vestido de crêpe da china, azul marinho e cinto de prata; vestido de crêpe "beije"; vestido de "majunga", azul de louça; vestido de crêpe setim cinza perola; vestido para a noite de tafetá preto e "pois" de prata; dois vestidos de renda.

Mais: um lindo canto de salão-bibliotheca.

SORCIÈRE

MUSICA

Encontrando J. Octaviano, um destes dias, em um de seus raros momentos de repouso, tivemos occasião de, com elle, manter uma interessante palestra, que aqui vamos resumir. Falámos-lhe da situação actual da Arte Musical, que elle mesmo considera em crise e perguntámos-lhe o que achava desse estado de coisas:

— Acho apenas — respondeu-nos — que a verdadeira arte está no seu justo logar e absolutamente não se acha abalada por esses artistas que continuam a querer fazer da arte um artigo de commercio. Imagine que ouvi um dos nossos compositores dizer numa roda de amigos: —"Eu sou um homem pratico, faço a musica do momento, vou mudando e o que quero é compor musica de accordo com o paladar do povo". Isto quer dizer que o artista não compõe mais: fabrica musica!

— Acha, então, que não se deve compôr de accordo com o gosto do povo?

— Para mim, o compositor cria as suas obras por uma necessidade intima de expressar o que sente no momento. Os que fazem musica, visando o successo monetario, já se vê, são commerciantes da arte. Veja os nossos musicos que fazem furor no Carnaval. Passados mezes, cáem no mais absoluto esquecimento.

— Como explicar esse successo?

— E' simples. E' uma questão de moda e não de arte. A musica A ou B, que todo mundo quer ouvir, porque é elegante conhecel-a, tem o seu momento de popularidade, da mesma forma que a moda dos vestidos curtos, do cabello á ingleza, á la garçonne, ou segundo uma idéa extravagante qualquer. Uma vez vista e conhecida, a novidade é posta á margem, porque não tem valor proprio, não representa nada. Foi apenas uma questão de moda.

— Póde-se tentar uma reacção?

— Não vale a pena forçar, porque, na historia da humanidade, em todos os tempos, todas as reacções vêm por si e são, geralmente, esmagadoras. Veja, por exemplo, a acceitação que têm actualmente os processos mecanicos. Alguns acham que elles representam a *expressão maxima da arte*. Ha quem acredite que, dentro em breve, não haverá mais artistas... Tudo será feito pelas machinas! Para ver como a moda tem um poder definitivo sobre as multidões, basta reflectir sobre o absurdo dessa opinião. Como poderá haver machinas sem artistas? Pois as machinas não reproduzem os artistas?

Quando no mundo não houver mais artistas — (acho que não chegaremos a tal miseria) — tambem não haverá mais machinas.

— Estará diminuindo o estudo da musica

— Não lhe posso affirmar. Sei que ha muita gente que vê na carreira musical um pessimo futuro, porque acha que o artista actualmente nada vale.

KEITH CORELL, pianista americano.

Elle visitará a America do Sul, muito breve, dando uma serie de concertos no Rio de Janeiro; foi ha dias apresentado ao publico de Hollywood, em seu primeiro concerto, exclusivamente com musicas de compositores modernos americanos.

Comprehendo que a musica moderna, a musica futurista de que elle é tão profundo conhecedor, não é, entretanto, largamente acceitavel pela maioria dos musicistas da escola antiga. Mas, pela mesma forma que os compositores de hontem se fizeram comprehender atravez de suas immortaes operas, os de hoje se farão para futuro. E pianistas como Mr. Corelli, interpretando-os, mostrará as possibilidades da victoria das musicas modernas.

L. S. MARINHO

(Correspondente especial de "Para todos..." em Hollywood)

— Que acha da carreira musical?

— Egual a todas as outras. A victoria depende da intuição natural de cada um, de conhecimentos profundos do ramo de actividade a que cada um se dedica, e, sobretudo, da persistencia, mormente em se tratando da carreira artistica. Ha quem considere o commercio a maior carreira. Entretanto é fertil em suicidios, o que se não observa entre os musicos — sem falar, já se vê, nos que morrem victimados pela propria ignorancia...

— Está hoje ironico...

— A ironia é o melhor remedio para o soffrimento.

— E tem alguma coisa que o faça soffrer?

— Infelizmente. Quizera ver a minha arte, no Brasil, cultivada com carinho, quizera ser patriota e engrandecer a minha terra e sou obrigado a ver bem claro que nós somos, talvez, o paiz em que menos se cultiva a arte pura e elevada,

Onde estão os concertos symphonicos? Onde os concertos de musica de camera? As boas representações lyricas? As sociedades de propaganda da boa musica? As iniciativas dos nossos artistas? Nada vejo de apreciavel, que possa despertar o publico, que, apesar de atrazado e inculto, quer coisas novas, apresentadas artisticamente.

— Já verificou isso?

— Já. Basta citar aqui no Rio as enchentes da 9ª. Symphonia, de Beethoven, de Nerone, de Boito, de Turandot, de Puccini e nas de tantas operas novas aqui levadas. Aquelle memoravel concerto espiritual da extincta Sociedade de Cultura Musical, realizado para uma sala repleta e ouvido na mais absoluta escuridão e com o respeito das grandes platéas cultas, habituadas a essas manifestações de arte.

— Acha, então, que a arte não está em decadencia?

— O que está em decadencia são os costumes e a educação. A arte conserva-se no mesmo nivel em que sempre esteve. A humanidade é que está descendo e decahindo demais para poder apreciar as bellezas da arte. Admitto o progresso na arte, aprecio as musicas leaes, alegres, admitto os compositores que produzem paginas inspiradas, sem saber uma nota de musica. Só não concordo é em collocar essas expressões da arte ligeira, como expoentes da arte musical. A desvalorização da musica ligeira é o resultado do pequeno valor que ella tem, em relação ás grandes obras de arte. Por isso, não resiste. Um brilhante verdadeiro passa de mão em mão e nao desmerece, nem se desvaloriza. Os quadros antigos são cada vez mais disputados a peso de ouro. Entretanto, quem é que quer ouvir mais Ramona? Se até já se diz que "dá azar!" Os intellectuaes devem se divertir com as in-

(*Termina no fim do numero*).

N A B A H I A

Em cima: desembarque do distincto banqueiro e advogado bahiano, doutor Pamphilo de Carvalho, que fôra á Europa em viagem de negocios. Em baixo: O governador do Estado, doutor Vital Soares, cercado dos Secretarios e autoridades do Estado e da União, na recepção do Palacio Rio Branco, a 1º de Janeiro.

— Ouvi dizer que "quem paga as suas dividas enriquéce".

— Besteira, homem! Pagar dividas é indicio de máo caracter.

PARA O "HOME"

Almofada redonda de velludo cinza com flores de feltro amarello forte e marfim, e folhas pretas.

"Liseuse" de crêpe da China acolchoado e pospontado.

Camisa-calça de seda rosa salmon guarnecida de prégas meúdas.

"E'charpe" de crêpe bordado a crêpe de côres fixo por ponto de "cordonnet".

Lenço com incrustações com desenhos geometricos.

— Supponho que o senhor não me toma por um imbecil...

— Não, de modo algum. Mas é muito possivel que eu me engane.

Aquelle bom Sr. Collet

(FIM)

tos delicados na arte de curar, que o cirurgião chega a duvidar de sua propria sciencia... e, quando o coronel chamou-o á parte para indagar de suas impressões, o doutor responde:

— E' estupendo.

E assim estava Collet introduzido na alta sociedade de Hennebont! Solicitou permissão para ir á Lorient, encommendar a um alfaiate de fama alguns ternos elegantes, entre os quaes um uniforme com enfeites de velludo carmezin, calças iguaes, espada e dragonas de ouro, pagando sem regatear, por meio de um cheque assignado por seus paes, "ricos burguezes residentes em Lyon, no cáes de Saint-Clair", e volta a Hennebont, onde o coronel Beaupoil de Saint-Hilaire, vendo-o tão alegre, arrepende-se do seu primeiro juizo e promette ao joven official, toda a sua protecção. Os remedios anodinos receitados por elle produzem maravilhas! Seu futuro está garantido...

Porém, Collet é prudente, elle sabe que a boa sorte favorece aos audaciosos, e não os temerarios. Declara, portanto, que é obrigado a voltar para Dôle. Parte, deixando em todos a melhor saudade, e levando, o que é ainda melhor — um passaporte, e uma commissão perfeitamente em ordem.

Quando o alfaiate de Lorient vê chegar o cheque falso, é que se descobre a farça... O espertalhão já vae longe!

Vamos encontral-o mais tarde nas prisões de Toulon, onde permaneceu durante cinco annos, depois, sem transição eil-o em 1818 — forçado livre. Grande proprietario em Roche Beaucourt na Dordogne, vae para o hotel, onde desde a primeira noite, confia ao gerente quanto é triste a situação de um homem como elle, rico, e sem saber o que fazer do dinheiro... sem filhos, sem ter a quem legar os seus bens! Acaba de vender os quatros castellos que possuia no Lyonnais; seus milhões dormem num banco...

Ai! para que serve tanto ouro? A vida é bem cheia de illusões, é grande erro ter inveja dos ricos!

São palavras que elle repete continuadamente.

Dahi, todos os moradores da pequena villa se interessando por esse millionario infeliz!

O logar lhe agrada, e elle fala em fixar residencia. Uma viuva lhe offerece a casa, e vae habitar o sotão para lhe deixar bastante espaço, pois elle não occulta que está acostumado a ser luxuosamente alojado.

Compra terras — uma miseria — alguns dez mil francos. Seduz o notario, edifica o vigario, projecta a construcção de uma escola, quer dotar as moças pobres, e deseja que a sua immensa fortuna seja empregada em obras de caridade. Todos se desvelam, nada lhe é recusado. Em toda parte encontra credito.

Tem dois criados, cavallos e carruagens; e apenas acceita alguns emprestimos, porquanto certas formalidades retardavam a chegada de seus thesouros.

Mas que "Pactolo" quando estivessem em suas mãos.

Chegou a contractar como intendente de seus futuros dominios, um antigo official das armas imperiaes, que lamentava a sua inanição, e gemia pelo seu triste meio soldo.

Sómente o Sr. Collet, que conserva os antigos preconceitos, exige que o administrador de seus bens seja casado, e o velho heróe apressa-se em obedecer.

Um bello dia, desapparece o philantropo... e nunca mais o viram! Não havia um habitante a quem não tivesse tomado dinheiro emprestado!

A especialidade de Collet era — só roubar aos que consentiam em ser roubados, e o mais interessante é que todos sentiam a sua falta, quando elle se retirava. Ainda, trinta annos mais tarde, quando em La Roche-Beaucourt contavam as suas façanhas, havia sempre alguma velha comadre que suspirava:

— Aquelle bom senhor Collet! fez tantos beneficios ao paiz...

O extranho caso do meu amigo Paulo

(FIM)

dos pela imaginação de quem escreve. Todos vivem, menos um, com o qual falei seis horas antes de sua morte.

Meu amigo Paulo só me contou isto que aqui te narro.

O annel voltou ás mãos do seu antigo dono. Depois de alguns mezes, fomos surprehendidos pelo romantico suicidio de Carlos Sentreiro, que, após uns dias estranhos de tempestuosos amores, metteu uma bala na cabeça...

(Traducção de ANELÊH)

O terceiro cordeiro

(FIM)

da mulher de Nicolás. Vira esta na fonte, e ella não lhe dissera nada.

— Então, quem póde ser?

— Como o poderia saber, Dritte? Não te preoccupes, e faze o terceiro cordeiro.

Mas o menino louro não voltou ao "atelier".

No outro dia, veiu o sacerdote da aldeia e lhe disse que precisava dum cordeiro para uma creança doente, que o pedia em gritos. Pagaria o que custasse a encommenda...

— Pagar! — exclamou Dritte. — Não! — A proposito, aqui tenho um cordeiro feito ha muito tempo e que não vieram buscar. Póde leval-o.

E o parocho se foi embora com o cordeiro.

Pouco depois apparecia no "atelier" o menino louro, da encommenda.

Sem uma palavra, approximou-se de Dritte.

— Tu por aqui! — exclamou o esculptor em madeira, ao vel-o. — Recem-acabo de dar o cordeiro que fiz para ti... pensei que não voltasses mais... mas farei um quarto cordeiro para ti...

— Não... não é preciso fazeres um quarto cordeiro para mim — disse sorrindo o menino, emquanto duas azas lhe sahiam nos hombros, e levantou o vôo.

Era o mesmo anjo que viera para annunciar o fim da miseria — disse o nosso narrador. — Desde esse dia, Falls é tão famoso pela esculptura de brinquedos, como pela de santos em madeira.

(Traducção de ANELÊH)

COMO CUIDAM DE SUA CUTIS AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Toda artista de cinema é vivaz. Ella sabe que em seu rosto está a sua fortuna. E isto é assim para todas as mulheres, actrizes ou não, pois, em egualdade de condições, tem mais probabilidades de obter ou conservar um emprego aquella que offerece um aspecto mais attrahente. Não ha chefe que não comprehenda que os seus escriptorios resultam de melhor apparencia se a secretaria é uma joven attrahente e sympathica. E, para que uma mulher resulte assim, não ha mister de outra cousa para ella que inspirar-se no exemplo que lhe brindam as grandes actrizes da tela, applicando em sua cutis, todas as noites, antes de deitar-se, Cera Mercolized, substancia que é encontrada em qualquer pharmacia e que faz com que a tez envelhecida vá sendo gradualmente substituida pela cutis nova e encantadora que toda a mulher possue logo abaixo da velha e gasta cuticula exterior. Seguindo este processo, toda a mulher rejuvenesce em poucos dias.

..CRAVOS GORDUROSOS E DILATADOS

O novo tratamento da cutis do rosto por meio do methodo do banho espumante procura, como resultado immediato, a extirpação dos pontos negros, cravos e outras porosidades gordurosas que nos afeiam. Este tratamento é absolutamente inoffensivo, agradavel e de effeitos immediatos. Tudo que é necessario fazer consiste, apenas, em deitar num vaso de agua quente um tablete de stymol, substancia que se encontra á venda nas pharmacias e drogarias. Quando tenha cessado a effervescencia que se produz ao dissolver-se o stymol, tem que se banhar o rosto com o liquido assim obtido. Quando o rosto estiver secco, poderemos observar que os pontos negros terão sahido do seu logar para apparecerem na toalha; que os poros do rosto se terão contrahido, e que tambem terá desapparecido a gordura. Este tratamento tem que ser repetido, com intervallos de tres ou quatro dias, para dar caracter de permanencia aos resultados obtidos.

Tres grandes palhaços

OS FRATELLINI

(FIM)

A alacridade delle é uma segunda natureza habilmente enxertada na primeira. O sorriso, mais irresistivel do que um riso, reflecte o harmonioso accôrdo entre o homem e o clown. A verdadeira bocca é grave. Si a sua vida tivesse sido intrepida e complexa, seria dolorosa. Mas como o seu coração infantil e limpido, conservou-se hostil ás realizações gloriosas, ella apenas exprime uma melancolia sem desfallecimento. Francisco não é o clown barrigudo, estupidamente sympathico, cuja visão é o bastante para provocar o riso. E' o fragil clown de magia, todo graça, alegria e desenvoltura... Os pés são pequenos, os tornozellos bem feitos. Em cada um dos passos ha vestigios de dansa; o deus Mercurio de azas nos calcanhares não é mais agil. As mãos, de uma estranha pureza de fórmas, não têm um gesto que não seja um poema. E o corpo é tão flexivel, que evoca os longos caniços sonhadores, á beira dos lagos, nas noites enluaradas. Tem muito do Pierrot lunar, do vagabundo terno e do funambulo animador. A sua alegria, da qual conhece os limites e os recursos, é agradavel e concebivel. As suas respostas são promptas, imaginosas, brilhantes e rudes como fogos de artificio. E' pena que alguns papeis o obriguem a abandonar o tradicional traje, porque perde um pouco do mysterio. Nada lhe assenta como a roupa vermelha ou verde, que muda de côr em certos jogos de penumbra como um luminoso pedaço de céo imaginario. Então, embora a agitação intencional do corpo, deslumbrante de puro encanto, surge a brusca revelação daquella alma inaccessivel e profundamente enfeitiçante, que é a sua e que elle ignora...

ALBERTO

A fantasia de Alberto é desgrenhada, indisciplinada, aventurosa. Provém de saltos, segundo os caprichos do pensamento ou do instincto. E essa orientação sem methodo, casa-se maravilhosamente com a figura abracadabrante que elle arranjou.

O seu caracteristico é a exuberancia arrebatada. Uma alegria transbordante de contentamento e de mocidade de anda em volta delle, corre em cascatas e se communica com os corações mais refratarios aos prazeres. No fundo dessa alegria sã, robusta, que brota da natureza como de uma fonte, sente-se uma critica aguda e nervosa que o personagem grotesco que elle incarna, lhe interdicta de revelar completamente. Não obstante, dissimulada por gestos desastrados, traspassa, muitas vezes, o involucro com uma flexa acertada. Quando se exhibe, antes de tudo, elle se diverte. E' seu proprio espectador, vivo e contente. E' o que cria surpresas immediatas, realizando-as no momento da concepção. Para apreciar a desenvoltura das suas fantasias, é sufficiente vel-o, muitas noites, executar o mesmo numero. Nunca é igual. Sendo tão artista quanto os outros, é o mais desconcertante dos tres irmãos.

O seu talento é isento de todo o esforço visivel. Attiinge uma perfeição tão natural e insubmissa, como a das ondas que se succedem com impeto, perigo ou calma, sem nenhuma premeditação. Escapando a toda logica fóra de qualquer controle, a sua interpretação conserva-se pessoal e desembaraçada, incorpora-se á natureza composta de ardor, de mofa e de invisivel sciencia. Tem-se a impressão nitida de que Alberto apenas deve querer como censor, a luz da sua propria observação. E' preciso ter padecido os obstaculos da profissão e se ter libertado só, para estar em plena posse da sua arte, como elle. Os annos de estudo são os trabalhos fundamentaes indispensaveis. Aprende-se a divisão de uma dansa antes de executal-a. Mas, é necessario, em seguida, esquecel-a, como se esquece de soletrar, quando se sabe lêr. Além da educação technica que sustentou e guiou os seus primeiros trabalhos, Alberto conhece o prazer immenso e orgulhoso de crear. Alberto é pois, na expressão absoluta do termo, um talento independente. Aliás, o unico facto de ser dono de um

rosto de rara seducção e celebrizar-se com um segundo, incontestavelmente feio, prova uma originalidade indiscutivel, um senso agudo do comico e da ironia interior. Qual é o sêr humano que, mesmo para se apresentar ao publico com garantia de successo, consentiria em renunciar, para sempre, á sua belleza?... E' extraordinario como Alberto acceitou isso. Elle sente a dupla vaidade de ser applaudido pelo seu talento e de saber que, sob a mascara, vive um rosto verdadeiro e bello, guardado intacto para a vida pessoal. O typo de supposto idiota que elle realiza, é obra de um mestre copioso de engenho e de escarneo. Pois ninguem é mais malicioso, nem mais maligno, quando se deixa de desconfiar delle, do que esse bom homem, bizarro, de andar "capenga", olhos redondos, grandes gestos desageitados. O estupido, que a imbecilidade levou ao successo e que, "sabendo disso", explora-a junto dos parceiros.

Creaturas como Alberto e os seus irmãos pódem divertir o intellectual e o ignorante. As suas "entradas", evoluindo sobre o sonho (graças a Francisco, cuja esbelta elegancia, tem qualquer coisa de irreal e passageiro) e a truculencia da farça (graças a fleugma comica de Paulo e o enthusiasmo abundante de surpresas de Alberto) estão á altura das minimas intelligencias. Não se percebe nunca, nem o esforço physico, nem o intellectual que, entretanto, elles devem dispender para equilibrar um numero. Seja a "entrada" uma critica aperfeiçoada ou a parodia de uma actualidade, representam com a mesma simplicidade audaciosa e sensivel. A arte do clown é formada por innumeras difficuldades de sciencia e de predestinação! Quantas descobertas póde fazer aquelle que, "além do prazer pessoal", é capaz de analysar a profundeza e a intelligencia maravilhosas, que esses tres meteoros da Fantasia desenvolvem em torno delles!

BALKIS.

Enlace Manoel Soares de Macedo — Olga Cunha.

— Um só homem póde gabar-se de me ter feito soffrer...
— Quem ?
— O meu dentista.

Na Kermesse em beneficio da Casa do Professor, em São Paulo

"Ensaios de Policia Technico" é o livro em que o Sr. Ramos de Freitas, inspector geral da Policia de Pernambuco, reuniu os seus conhecimentos adquiridos em 20 annos de arduas funcções. Nesse trabalho, em que o dedicado auxiliar da administração do Sr. Estacio Coimbra revela o seu espirito de observador estudioso, muito têm o que aprender os policiaes incipientes e mesmo velhos policiaes.

QUARTO PARA CREANÇA — Moveis guarnecidos de columnas em estylo Manuelino e desenhos a côres. E', como se vê, um elegante quarto, e, sobretudo, alegre, o que, aliás, deve predominar nos aposentos em que vivem as creanças.

O escriptor argentino Bernardo Graiver, que esteve ha pouco aqui e em São Paulo.

A selvagem dos Pirineus

(FIM)

O marido fôra morto durante a luta. A mulher, louca de desespero, resolvida a morrer, extraviára-se nos recantos mais desertos da montanha. Assim começára a sua existencia de Robinson, prolongada durante dois annos. O juiz de paz, como bom funccionario, farejou na demente alguma inimiga do governo imperial e julgou mais seguro expedil-a para Foix, cabeça de comarca, recorrendo, para o andamento do caso, ás luzes do senhor prefeito.

——.

Embora esta historia pareça inadmissivel, é de uma veracidade incontestavel. Viverá hoje como uma lenda na região de Foix ? E' possivel. Ou estará completamente esquecida ? E' ainda mais provavel, pois — que eu saiba, ao menos — não foi nunca objecto de estudos profundos, como só os curiosos das redondezas poderiam realizar. Seria bem interessante trazer dos velhos livros archivados, o processo verbal authentico, da descoberta da mulher selvagem, os interrogatorios que soffreu, e as indagações dos medicos que a visitaram. E a sua morte que, com certeza, consta do registro civil de Foix, deve apresentar singularidades curiosas. Pois a selvagem morreu devido a incuria administrativa. Depois de uma ou duas semanas passadas no hospicio, onde as suas extravagancias perturbavam a boa ordem, decidiram "isolal-a", isto é, encarcerar a pobre mulher. Naquelle tempo a prisão de Foix era no velho castello forte, com tres soberbas torres feudaes dominando orgulhosamente toda a cidade.

Quando a misera se viu presa num pequeno compartimento, allucinada de terror, poz-se a gritar, tão continua e dolorosamente, que o carcereiro, importunado com o barulho, lembrou-se de encerrar a detenta recalcitrante numa das masmorras que, ainda hoje, são das principaes curiosidades da velha fortaleza. Depositou perto della pão e agua, fechou a porta e partiu tranquillo.

A prisioneira continuava núa, no frio e escuro subterraneo. Quando ao fim de alguns dias o carcereiro achou que era tempo de renovar as provisões da selvagem, encontrou-a morta. Aquella que resistira a dois invernos passados nas neves, aquella que fôra acolhida e aquecida pelas féras nas suas tócas, não pudera supportar o barbaro contacto com os homens e a cruel disciplina da civilização.

G. LENÔTRE

Batalha de Carnaval

Batalha de Carnaval

MUSICA

(FIM)

genuidades das multidões e não seguil-as como principios irrevogaveis.

— Acha que, passada essa crise, a boa arte possa resurgir ?

— Certamente. Quando a dissolução chega ao extremo, as nações se transformam e até desapparecem por uma reacção natural, violenta e inevitavel. Assim na arte. Quando ella desce de mais, ou se transforma ou desapparece. Quando passar essa mania de goso, esse desespero de gastar a vida com futilidades, a insistencia de não se querer concentrar para sentir uma emoção elevada, então sim, dentre os escombros dessa ruina social de costumes e de caracteres, a arte resurgirá como uma nova phenix.

— Acredita, então, nessa victoria ?

— E' o meu credo. Creio na arte, porque é uma das maiores manifestações da humana intelligencia. Creio na arte, emquanto os homens forem dotados de sentimentos, porque nelles ella encontrará adeptos fervorosos. Creio, emfim, na arte, porque, como disse algures, a arte é tudo e o resto é quasi nada.

A palestra já ia longa. Octaviano consultou o relogio, voltou ao seu estado normal de dynamismo, despediu-se e desappareceu por entre a multidão que se cruzava na Avenida.

No Instituto de Musica

B. J.

A moda da "cintura no logar" tem sido o desespero de muita moça bonita. E' que, ao contrario da moda antiga, a da cintura comprida, a curta não se adapta a toda gente.

As gordas sahiram perdendo enormemente com a novidade. Até agora, não havia gordura, por mais disforme que fosse, que não se disfarçasse com a moda antiga. Hoje a coisa mudou de figura. Não é preciso ser muito gorda. Basta que seja um pouquinho cheia de corpo, para a creatura ficar disforme e quasi horrivel!

A minha collega B. está nesses casos. Ella é das gordas. Parece que pesa 94 kilos e tem um metro e meio de altura. Batoquinha e sem graça como ella só.

Pois imaginem que, sem pensar em se olhar no espelho, ella arriscou fazer um vestido de cintura curta!

Não lhes digo mais nada! Um colchão amarrado pelo meio não lhe ganhava em "graça".

Felizmente, ella desistiu da idéa. Desistiu porque, intelligente como é, logo percebeu que aquella moda não tinha sido inventada para as gordas...

Conta-se della um caso, que, a ser verdade, denuncia na B. uma presença de espirito fóra do commum.

Havia em Botafogo um "nouveau-riche", que resolveu, de um momento para outro "bancar" a alta sociedade. Todos os "nouveaux-riches" fazem o mesmo... Mas seja como fôr, naquelle palacete da praia, havia frequentes recepções puxadas á sustancia, e nas quaes os bailes eram sempre precedidos de um pequeno concerto. Ao que se diz, as artistas que tomavam parte no programma tinham o seu "cachet", que variava de trinta a cincoenta mil réis... Dizem que, convidada para cantar em uma dessas recepções, a B., que não conhecia os donos da festa, pediu para isso quinhentos mil réis.

O "nouveau-riche", naturalmente, espantou-se. E declarou ao organisador do programma, que era um almofadinha do bairro:

— Quinhentos mil réis pago eu, por mez, ao meu chauffeur!

Transmittindo-lhe essas palavras do "nouveau-riche", o portador teve, entretanto, de lhe levar resposta da B., que foi esta:

— O senhor diga, então, ao Sr. "Fulano", que inclua o seu chauffeur no programma...

A B., como se vê, não é de brincadeira!

C. B.

Aqui está uma creatura, cujas preciosas qualidades de caracter e de sentimentos só se pódem apreciar depois de alguma convivencia.

A primeira impressão que produz não é nunca a definitiva. Parece uma creatura altiva e ultra vaidosa e, entretanto, não o é. E' talvez a ultima palavra em bondade. Se a gente duvida disso, é por causa das apparencias, que, nella, mais uma vez, illudem.

Ella tem uma altura fóra do commum em moças — sem, entretanto, ser exaggeda. E' bonita. E' mesmo muito bonita, quasi linda! Tem elegancia natural e um verdadeiro porte de rainha. Rainha sem affectações e sem tolices. Typo excepcional de bondade, quasi uma "avis rara" no meio das moças de seu tempo, pela porção de dotes intellectuaes e moraes que possue.

Foi uma das alumnas mais distinctas do Instituto e é uma das suas mais justas medalhas de ouro. E' justa porque, tendo sido alumna de uma das classes de canto, conseguiu terminal-o conservando quasi intacta a voz que Deus lhe deu.

O leitor talvez não comprehenda bem isso, mas é necessario que elle saiba que, no Instituto, muitas moças que têm boas vozes atravessam o curso fazendo ouvidos de mercador aos conselhos e lições de certos professores. E, desta maneira conseguem salvar as suas vozes. E' um systema de defesa que se está ali desenvolvendo muito, pois todos os dias conquista novas adeptas.

Por isso a C. B., como muitas outras, ainda não perdeu a sua voz e póde de vez em quando fazer-se ouvir, principalmente nos programmas da Mayrinck Veiga, dos quaes é ella uma "habituée".

A minha talentosa collega, de quem me occupo, apezar de todas as suas raras, cada vez mais raras virtudes, continúa solteira. Os homens destes tempos, positivamente, ou andam desnorteados e cégos, ou não têm gosto... Segundo, entretanto, por ahi se diz, a C. tem um pequenino romance em sua vida... Uma affeição não correspondida? Quem sabe lá? Dizem que a arte não se combina bem com a sciencia... Entretanto, quando se trata de sciencia medica, é commum ver-se o contrario. Geralmente, os medicos são grandes amigos da musica, sobretudo quando os medicos tambem são artistas — pintores, por exemplo...

BIOTONICO FONTOURA

COM
O SEU
USO
OBSERVA-SE O
SEGUINTE:

1.º Sensivel augmento de peso.
2.º Levantamento geral das forças.
3.º Desapparecimento do nervosismo.
4.º Augmento dos globulos sanguineos.
5.º Eliminação da depressão nervosa.
6.º Fortalecimento do organismo.
7.º Maior resistencia para o trabalho physico.
8.º Melhor disposição para o trabalho mental.
9.º Agradavel sensação de bem estar.
10.º Rapido restabelecimento nas convalescenças.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Officinas Graphicas d'"O MALHO"